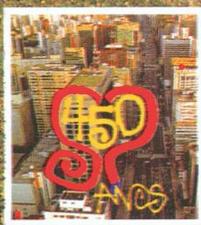


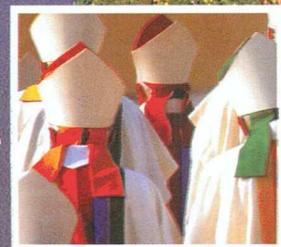
MARIA



SÃO PAULO:
450 ANOS



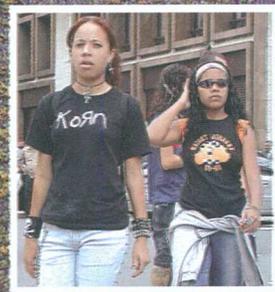
FORA DA IGREJA
HÁ SALVAÇÃO?



CLONAGEM

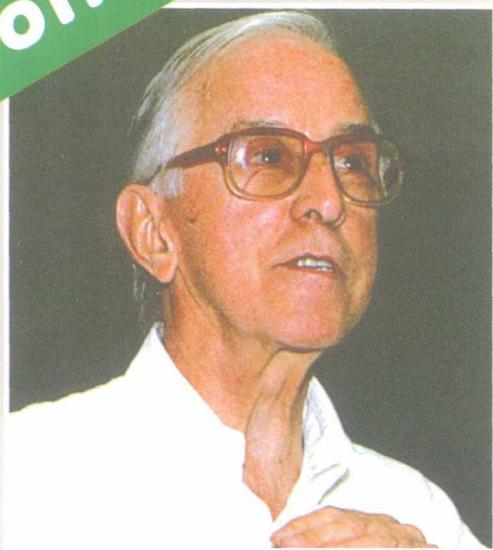


CONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE
NA ADOLESCÊNCIA



FRATERNIDADE E A ÁGUA ÁGUA FONTE DE VIDA

Apoio a d. Pedro Casaldáliga, à Igreja de São Félix do Araguaia, MT e ao povo xavante:



Nós, **missionários claretianos**, procedentes de diversos continentes, reunidos na Casa de Hóspedes de Madri, Espanha, para colaborar na programação da prefeitura geral de apostolado, queremos fazer-lhe chegar nossa saudação fraternal e solidária, neste momento de perseguição e de cruz, ao lado de seu povo empobrecido e excluído.

Fica claro, mais uma vez, que o ídolo da riqueza e do poder quer impor, a todo custo, seu projeto de morte nessa região, açoitada, há tanto tempo, pela violência

dos poderosos. São os efeitos nocivos da globalização. Sob o esquema neoliberal que, em nossa América, toma a forma e o nome de megaprojetos, servem aos interesses das grandes multinacionais do mercado mundial, protegidos pelo governo norte-americano, o Banco mundial e o Fundo Monetário Internacional.

Novamente, os direitos dos pobres estão a ponto de serem gravemente pisoteados. De novo, o véu da intimidação se fecha sobre quem, em nome do evangelho da vida, comprometeu-se, decididamente, na defesa dos mais fracos. Mas também, uma vez mais, as vozes de homens e mulheres apaixonados pela vida se levantam, profeticamente, num grande grito universal.

Sabemos, d. Casaldáliga, que seu compromisso profético é sempre completo e fiel. Agradecemos a Deus por seu testemunho e, ao mesmo tempo, oramos para que possa ser encontrada uma solução pacífica e digna para esses nossos irmãos que, há séculos, sofrem nas mãos dos opressores.

D. Pedro, conte com nossa oração constante. Estamos seguros de que a morte não poderá derrotar a vida. Acreditamos que a verdade, a justiça e o direito brilharão sobre nossos povos, particularmente, sobre o povo xavante.

Que a força e a luz do Espírito de Jesus lhes acompanhem, nesta hora de resistência e esperança evangélica.

Fraternalmente,

Vicente Sanz - Prefeito-geral de apostolado.

Juan Carlos Martos - Secretário-geral da Pastoral juvenil.

Miguel Angel Velasco - Superior da Província de Castilla.

Arnold Abelardo - Oeste dos Estados Unidos

Pius Thuruthiyil - Bangalore, Índia.

Juan Esono - Guiné Equatorial.

Pedro Cabrera - Bética, Espanha.

Renato Caprioli - Itália.

Carlos Julio Roza - Colômbia Oriental e Equador.





Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregariani;

Administração: Nestor A. Zatt;

Supervisor-Geral: Hely Vaz Diniz

Redação: Avelino S. de Godoy; Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho. Diagramação: Antônia Portero Simon; Avelino S. de Godoy. Assinaturas: Geraldo José Carnesin.

Correspondência: Rua Martim Francisco, 636, 1º andar, CEP 01226-000. Tels: (011) 3666-2128 e 3823-1060 ou Caixa Postal 1205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86, Bairro do Gramado, Embu, SP. CEP 06835-300. www.avemaria.com.br

O pagamento de R\$ 25,00, referente à assinatura ou renovação, pode ser feito, em qualquer época do ano, por cheque, em nome da CMF Revista Ave Maria ou depositado nos Bancos: ITAÚ — Ag. 0061 C/C 51 519-3 ou BANCO DO BRASIL — Ag. 2445-7 C/C 8646-0.

A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades em domicílio; nas demais, as renovações de assinaturas podem ser feitas também nas livrarias da Editora Ave-Maria.

Ligue grátis: 0800-555-021
Fax: 3663-3491

Assinatura anual: R\$ 25,00
(12 exemplares)

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@avemariainternet.com.br

assinaturas@avemariainternet.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela *Revista Ave Maria* a todos eles. A seguir a lista dos colaboradores legais:

São Paulo: Andréia Maria Ferreira Reis; Benedito Carlos Câmara; Dideró Ribeiro; Fábio Eugênio Almeida Santos; Luzia Brancatti Stephaneli; Mauro Donizeti Câmara; Odacir Catto dos Santos; Osanir Mendes dos Santos; Palmira de Nadai Farias; Rejane Moehlecke; Walkir Mota; Sérgio Pierozan.

Minas Gerais: Benedito Vaz Neto; Edson D. Nunes de Moraes; Gilmar Diniz Silva. — **Goias:** Almerinda Gomes Batista; Lindalmy da S. Dutra Gomides; Maria da Silva Lemes; Roseli Terezinha Lauxen Silva. Sérgio Pierozan.

Paraná: José de Lima. — **Grande do Sul:** Harieta Moehlecke Drech; — **Ceará:** José Eivaldo Lima Miranda; **Merenda Representações:** São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná e Triângulo Mineiro.

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Lembre-se de que é importante V.Sa. manter sua anuidade em dia. Se V. Sa. tiver dúvida quanto à data do vencimento, ligue para a
Revista Ave Maria

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários diários sobre as leituras das missas:

www.claretianos.com.br

Revista Ave Maria na internet:

www.avemariainternet.com.br

Quaresma

Quaresma é um tempo litúrgico no contexto da religião que nos propõe séria reflexão sobre a vida. Época mais propícia para a autocorrecção, ou purificação, um retornar, com consciência mais esclarecida e responsável — o que supõe, às vezes, sacrifício —, aos princípios cristãos.

Mesmo findo o Carnaval, as TVs têm repetido, cansativamente, a fantasia como o auge da alegria. Foliões cansados e desolados também mostram cansaço, tristeza, desilusão... “o que será do amanhã?...”

Para os cristãos e homens de boa vontade a proposta quaresmal é um tema desafiador: fraternidade e água. E um lema provocante: água, fonte da vida. Muito mais do que uma campanha, é uma urgência: o preocupar-se sem fantasias e responsabilizar-se pelo cuidado com nossa irmã água. É tema desafiador, enquanto nos faz ver a água dom de Deus para todos, elemento básico para a vida. Por isso, que ela não falte a ninguém! Lema provocante, ao apresentar, na transparência de cada gota de chuva ou de rio, o seu criador, Deus. A terra, como espaço físico, onde construímos nossos castelos ou nossos silos, é considerada, sem dúvida, dom de Deus, porém nossas leis (des)humanas a enquadraram em propriedades particulares, exclusivas. A água também corre nesse leito de ganâncias e já é vista como capital, não só no sentido de ser indispensável à vida como um bem comum, mas como propriedade particular. Estaríamos no prelúdio histórico onde quem não tem dinheiro deve sofrer de sede?...

* Neste número, a *Ave Maria*, registra a mensagem do papa João Paulo II e do cardeal arcebispo de São Paulo, d. Cláudio Hummes, por ocasião dos 450 anos da cidade de São Paulo (pp.6/7). Ambos expressam, além das felicitações ao povo da maior cidade da América Latina, a importância da responsabilidade solidária na salvaguarda e na promoção do bem comum, tanto dos cidadãos, quanto dos governantes. E apontam ações genuinamente cristãs como resposta autêntica ao Evangelho. * João B. Libânio aborda o tema: “Clonagem” (p.10). Analisa os riscos e a questão ética que envolvem a manipulação genética. * Frei Betto, em “Ação de graças” (p.11), inspira-nos um diálogo indispensável para se ter com Deus, em todas as circunstâncias da vida, e ajuda-nos a perceber que tudo é dom gratuito. * Maria Clara L. Bingemer, em: “Perdão: caminho da paz” (p.12), apoiando-se no filme: “As invasões bárbaras”, de Denys Arcand, considera o perdão um caminho indispensável para quem quer dar sentido à vida, principalmente quando tudo parece estar perdido. * Para professores e pais, um elucidativo artigo sobre os jovens: transgressão e rebeldia são causas ou efeitos, ou expressões singulares dos adolescentes de se apresentarem ao mundo? Isabel Petraglia esclarece o assunto, em “Construção da identidade na adolescência” (p.16).

Na *Bíblia* o Templo é a imagem da morada de Deus. E porque ele é o Criador, sob os alicerces do Templo brotam abundantes águas em todas as direções. A vida é um dom que brota do ser amoroso de Deus e tem na água o mais puro e cristalino símbolo (Ez 47,155).

P.C.G

Desenvolvimento do 3º mundo

Madri, Espanha, 3/2. No compromisso com o desenvolvimento do Terceiro Mundo “não sobra ninguém”, declarou o Bispo de Córdoba, Dom Juan José Asenjo, ao inaugurar a 45ª campanha contra a fome organizada pela entidade Mãos Unidas do estado andaluz.

Durante sua homilia, celebrada na igreja da Santíssima Trindade, Dom Asenjo instou seus fiéis a dirigir seus esforços na entidade eclesial e a colaborar “a partir de um compromisso eficaz, que é mais que a mera compaixão pelos infelizes. Jesus, diante disso, age e nos convida a agir”, indicou. No início da campanha que a entidade eclesial empreende em toda a Espanha com o lema “O futuro do mundo, compromisso de todos”, Dom Asenjo convidou a dar um passo à frente perante a “injustiça manifesta” que é que “uns poucos tenhamos tudo, e muitos irmãos careçam do mais imprescindível, atraindo a morte”.

Nestes termos, o Bispo lembrou que “a metade da humanidade vive à margem do progresso, condenados à fome” e denunciou que “a abundância de uns poucos impedem que dois terços da população mundial” careça de recursos. “Esta situação não responde ao Plano de Deus, que criou os bens da

terra para sustento de todos”, acrescentou.

Dom Asenjo, finalmente, reiterou o compromisso da Igreja no trabalho de ajudar o próximo e instou a superar “os enormes obstáculos” que impedem a criação de uma nova ordem internacional “devido à falta de solidariedade dos países ricos”. Para isso, acrescentou, “é preciso um milagre” que os cristãos devem pedir através da oração, posto que, ela “é o caminho indisculpável para a busca de um novo mundo”.

Mulher mexicana nos altares



Cidade do México, México, 29/1. Maria Guadalupe García Zavala, conhecida popularmente como a Madre Lupita, será a terceira mulher mexicana elevada aos altares quando o Papa João Paulo II a declarar beata em Roma no próximo dia 25 de abril.

Nascida em Zapopan em 27 de abril de 1878, a Madre Lupita foi uma religiosa que dedicou a maior parte de

sua vida ao cuidado dos doentes e fundou, em 1901, a Congregação Religiosa das Servas de Santa Margarida Maria dos Pobres.

Madre Lupita será a terceira mexicana venerada nos altares, além de Madre Naty — também religiosa jalisciense — e Vicenta Chávez Orozco. O milagre aprovado pela Santa Sé para sua beatificação foi o de Abraham Arceo Higareda, que sofria pancreatite aguda e estava desenganado pelos médicos. Depois de pedir a intercessão da Madre Lupita, ficou curado em uma semana.

Portal do Vaticano teve 22 milhões de visitas em 2003

Vaticano, 2/2. A página eletrônica do Vaticano na Internet teve quase 22 milhões de visitas no ano passado, o que lhe transforma no primeiro meio de transmissão do Escritório de Imprensa da Santa Sé sobre as atividades do Papa João Paulo II.

Por países, o maior número de visitas procederam dos Estados Unidos, seguido da Itália, Alemanha, Grã-Bretanha, Canadá, Espanha, Brasil e França.

A Sala de Imprensa da Santa Sé também transmite informação sobre as atividades do Papa através do *Vatican Information Services*

(VIS), que no último ano alcançou o maior número de assinantes: quase 16 mil, sendo que 45,6% são de idioma inglês, além de espanhol, italiano, inglês e francês. Página eletrônica do Vaticano: www.Vatican.va

A religião como instrumento na Nigéria

Berlim, Alemanha, 2/2. O Presidente da Conferência Episcopal da Alemanha, Cardeal Karl Lehmann, Bispo de Mainz, denunciou em 29/02, em Berlim, aquilo que classifica como “instrumentalização política da religião” na Nigéria. Para o cardeal, é o principal problema para a convivência pacífica das diferentes crenças do universo religioso do país mais populoso da África.

Essa utilização partidária da religião só é possível porque muita gente passou a encarar o Islamismo como antídoto milagroso contra os múltiplos problemas da sociedade, afirmou o Cardeal Lehmann. A introdução da lei islâmica no norte do país, em doze dos 36 estados federados nigerianos, é a expressão mais eloqüente dos esforços para unificar a sociedade e o Estado através da religião. O Cardeal recordou que a Conferência Episcopal mantém contatos com o governo alemão para facilitar o asilo de nigerianos deportados. O teólogo e filósofo



de origem nigeriana, Elochukwu Uzukwu, que acompanhou o Cardeal Lehmann na apresentação, assinalou que, na Nigéria, os cristãos são perseguidos desde o início dos anos 80. Uzukwu lembrou que a introdução da lei islâmica (xariá) no norte do país praticamente legalizou a perseguição aos não-muçulmanos, pois nos estados onde vigora essa lei, é impossível obter autorização para construir uma igreja. Os católicos na Nigéria representam 14,3% da população, estimada em 127 milhões de pessoas.

Peregrinação é prova da fé muçulmana

Meca, Arábia, 2/2. A peregrinação a Meca (Hajj) é um dos cinco pilares fundamentais do islamismo: testemunhar que “não há deus senão Deus, e Muhammad é o mensageiro de Deus”; orar cinco vezes ao dia em direção a Meca; pagar um tributo que corresponde a 2,5% da renda anual para caridade; jejuar no Ramadã (mês sagrado) e realizar o Hajj ao menos uma vez na vida.

O número de visitantes é tão grande que o governo saudita exige que o “hajji” (aquele que já fez o Hajj) espere pelo menos cinco anos para repetir a peregrinação. O Hajj ocorre no último mês do calendário islâmico, que segue o ciclo lunar — os muçulmanos

estão no ano 1424. Antes de entrar em Meca, os peregrinos devem vestir uma roupa especial: pedaços de pano sem costura. As mulheres cobrem-se toda. Nesse estado de purificação, segundo o islamismo, todos os peregrinos estão proibidos de provocar brigas ou manter relações sexuais

Durante o Hajj, há diversos rituais, incluindo a escalada do monte Arafat, onde acredita-se que o profeta Muhammad fez seu último sermão, no ano 632, e o apedrejamento de três pilares de 18 metros de altura que marcam o lugar onde Satanás teria aparecido em três diferentes ocasiões: primeiro para o profeta Abraão, depois para Hagar, sua mulher, e por fim para Ismael, seu filho.

Os peregrinos devem arremessar pedras nos pilares sete vezes, exclamando “bismillah” (em nome de Deus) e “Allahu Akbar” (Deus é o maior). O apedrejamento marca o início do *Eid al Adha* (cerimônia do sacrifício), em que os fiéis matam um animal e distribuem a carne aos pobres.

O *Eid al Adha* comemora o sacrifício que Deus exigiu de Abraão para testar sua fé. Os muçulmanos acreditam que seu filho Ismael ia ser morto, mas foi poupado por Deus. Depois, os peregrinos caminham em direção a Meca para realizar a “tawaf”, as sete voltas em torno da Caaaba (construção cúbica que teria sido erguida por Abraão e Ismael e que abriga a pedra negra sagrada).

A IGREJA NO MUNDO • Notícias	4
PALAVRA DO PAPA • São Paulo: 450 anos	6
SÃO PAULO: 450 ANOS • D. Cláudio Hummes homenageia São Paulo Cardeal D. Cláudio Hummes	7
CAMPANHA DA FRATERNIDADE • Fraternidade e água - Água fonte de vida	9
FÉ E CIDADANIA • Clonagem João Batista Libânio	10
• Ação de graças Frei Betto	11
• Perdão: caminho da paz Maria Clara Lucchetti Bingemer	12
REFLEXÃO BÍBLICA • São José e os apócrifos Elias Leite	14
EDUCAÇÃO • Construção da identidade na adolescência Izabel Petraglia	16
MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR • Senhora dos Eremitas Roque Vicente Beraldi	19
LINGUAGEM POSITIVA • Técnicas para comunicação pacífica Francisco Gomes de Matos	20
HISTÓRIA DA IGREJA • Fora da Igreja há salvação? José Maria Vigil	22
A PALAVRA É... • Reconciliação e Ave Luís Erlin	24
LITURGIA DA PALAVRA • De 28 março a 25 de abril Adelino Dias Coelho	25
MEU LAR • Trocando idéias Wimer Botura Jr.	31
CULINÁRIA • Vamos cozinhar?! Yvonne Barros Oliveira	32
TURMA DA MAÍRA Tina Glória	33

São Paulo:

Mensagem do papa João Paulo II, ao cardeal d. Cláudio Hummes, lida, no início da missa de ação de graças na Catedral da Sé, pelo núncio apostólico no Brasil, d. Lorenzo Baldisseri:

“**A**o Venerável Irmão Cláudio Hummes, Cardeal Arcebispo de São Paulo.

É para mim motivo de profunda alegria e ação de graças, elevadas ao Todo-Poderoso, evocar o significativo evento do 450º aniversário da fundação de São Paulo, afirmando-me presente nas celebrações, com idêntico afeto como se aí estivesse, e acompanhando a todos os paulistanos em seu júbilo pela fausta efeméride da Capital do Estado. A todos desejo *graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo, nosso Senhor!* (2Tm 1,2).

Numa só alma e num só coração, a parcela da Igreja aí congregada ento jubilosos hinos de louvor a Deus por ter querido fazer de São Paulo um centro de progresso material com vasta importância para o País e, de modo especial, por ter imprimido na vida do povo, através de um amálgama de raças e culturas, o espírito cristão feito de compreensão, solidariedade, justiça e paz, que serviu de modelo para todo o brasileiro.

“Recordar é viver.” Assim cantava o povo, que hoje rememora um pequeno agrupamento de casas na colina de Piratininga, às margens do Tamanduateí e do riacho Anhangabaú. Graças à visão magnânima do Beato José de Anchieta aí se construiu aquele que hoje é conhecido como Pátio do Colégio, inaugurado com uma Missa, dia 25 de janeiro de 1554: levantar um colégio que fosse ponto de irradiação de catequese para a população lusita-

na e os habitantes nativos, foi realmente manifestação de fé ardorosa e de coragem, da qual, hoje, reconhecemos, agradecidos, seus frutos.

Entre eles, conta-se uma responsabilidade solidária no salvaguardar e promover o bem comum de todos os segmentos da sociedade, por uma participação esclarecida e generosa na vida da comunidade a que se pertence, apoiada em opções genuinamente cristãs, sempre respeitadoras, dignas e dignificantes da mensagem do Evangelho. Amparar os pobres e marginalizados com uma justa distribuição da riqueza; defender a família e a vida desde a sua concepção até o seu termo natural; acolher os migrantes e favorecer uma justa distribuição do trabalho; enriquecer a cultura e estimular sempre mais o ensino, público e privado, em todos os níveis; dar segurança ao povo. Eis, entre outros, os motivos pelos quais acompanho de perto vossas ânsias e esperanças.

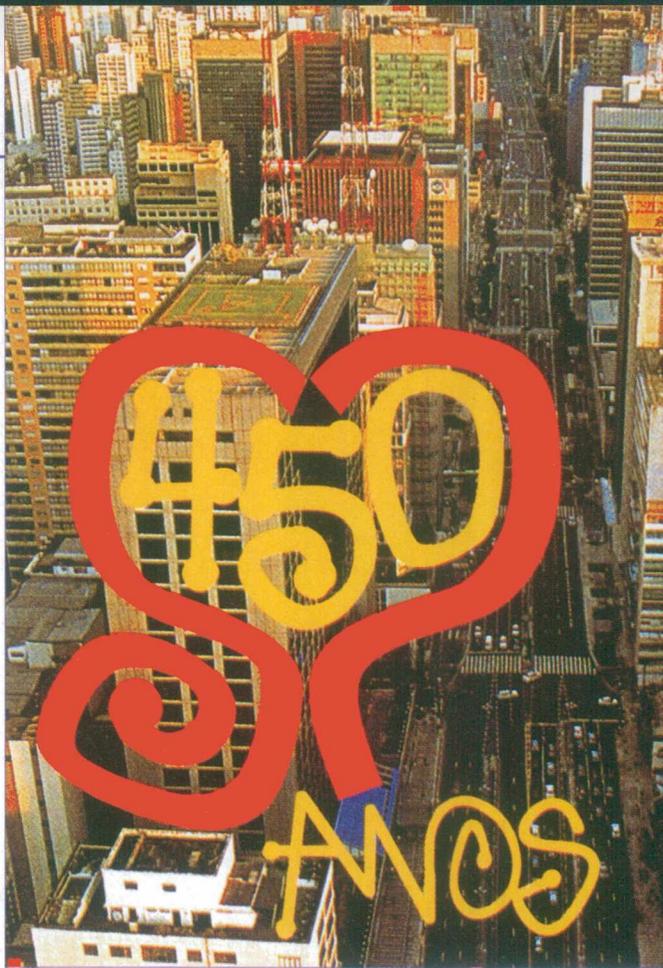
Conscientes desta realidade e conhecedores de que a Igreja é, ao mesmo tempo, sinal levantado diante das nações para incentivar a unidade do gênero humano, desejo congratular-me com todas as forças vivas – do último trabalhador recém-chegado, até os mais altos mandatários da Capital e do Estado – pelo empenho em manter elevado aquele espírito

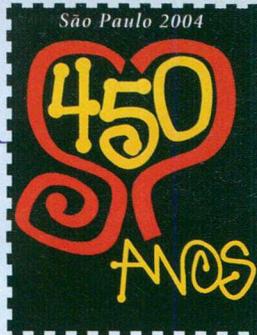
indômito que caracterizou os feitos das bandeiras por esse Brasil afora.

Por isso, desejo exprimir minha solidariedade a todos os que se empenham na amada Terra da Santa Cruz em ser promotores de paz e justiça. Dirijo minha calorosa congratulação às autoridades constituídas, civis e militares, que nesta data se unem fraternalmente às celebrações, e evoco, pela intercessão do Apóstolo das Gentes, o Deus Todo-Poderoso para que se digne abençoar a todos os homens e as mulheres de boa vontade de São Paulo.

Ao Senhor Cardeal e a toda Igreja que está em São Paulo renovo meus votos de felicidades, e peço a Maria Santíssima, Mãe de Deus e de misericórdia, que ampare a Arquidiocese e toda a pastoral diocesana, a fim de que esta ocorrência jubilar sirva também de renovação espiritual e de estímulo para o fortalecimento da fé entre o povo desta querida Nação brasileira. Com a minha Bênção Apostólica.”

Vaticano, 5 de janeiro de 2004
João Paulo II





D. Cláudio Hummes homenageia São Paulo

Homilia do cardeal d. Cláudio Hummes, dia 25 de janeiro, na missa de ação de graças pelos aniversário da cidade de São Paulo e 50 anos da inauguração da Catedral da Sé.

“**M**eus irmãos e minhas irmãs! Louvemos a Deus, de todo o coração, nesta solene data dos 450 anos de fundação da cidade de São Paulo e dos 50 anos de inauguração desta Catedral da Sé. Sem esquecermos esse jubileu da catedral, contudo prevalece hoje a comemoração do aniversário dos 450 anos dessa extraordinária e dinâmica cidade. Trata-se de um jubileu, que, como nos tempos bíblicos, mereceria ser anunciado por centenas de trombetas festivas e altissonantes.

Todos nós, paulistanos de nascimento ou de adoção, e com certeza todos os brasileiros, sentimo-nos extremamente felizes e orgulhosos dessa querida e pujante megalópole de São Paulo, a quarta maior cidade do Planeta. Todos a amamos e a ajudamos a ser o que ela é e o que ela produz. A mim pessoalmente, ela me fascina e eu a amo, como se fosse minha cidade de origem, decidido a dedicar aqui minha vida a este povo, com amor pastoral sempre maior.

O nome da cidade nos reporta a suas origens. Foi fundada em 1554 pelos jesuítas e pelo cacique Tibiriçá — e neste momento saúdo efusivamente os indígenas presentes, que

representam os povos que viviam nestes campos do Piratininga —, foi fundada, repito, com uma Missa, no dia 25 de janeiro, festa do apóstolo São Paulo. A Missa atestou o nascimento e o batismo da cidade, que recebeu o nome de São Paulo. Um nome, que interpreta de alguma forma a sua história e vocação.

Realmente, o apóstolo Paulo foi um missionário desbravador, um judeu convertido a Cristo, que teve a coragem e o dinamismo de ultrapassar as fronteiras da Palestina da época e enfrentar outras culturas, povos, línguas e religiões para anunciar a pessoa de Jesus Cristo e sua mensagem. Seu universalismo missionário espalhou o cristianismo em todo o mundo conhecido de então.

Também a cidade de São Paulo é caracterizada por um grande universalismo. Sua população provém praticamente de todo o Brasil e de muitos

países, constituindo uma vasta pluralidade de culturas, etnias, raças, religiões e costumes. Sua vocação é ser capaz de acolher e abrigar tanta diversidade e fazê-la conviver na liberdade, no respeito pela alteridade, na tolerância, na paz, na fraternidade, na colaboração mútua e entusiasta de todos. Esse universalismo faz parte da alma de São Paulo.

Ao mesmo tempo em que acolhe a todos, São Paulo também se expande, cresce, se articula, trabalha, produz, torna-se “locomotiva” do Brasil, mas também, no mundo globalizado de hoje, ela se conecta com todos os grandes centros mundiais da economia, das finanças, do mercado, da cultura, da política, da pesquisa científica e tecnológica. São Paulo é hoje uma cidade planetária.

Mas é também uma cidade de extremos e perversos contrastes sociais. Esse é certamente o maior desafio atual da cidade. A desigualdade social



Foto: Eduardo Russo

Catedral da Sé, inaugurada em 25 de janeiro de 1954 — São Paulo, SP.

chega a ser abissal em muitas situações. A riqueza e a miséria vivem lado a lado. A metade da população é pobre. Dessa metade muitos são extremamente pobres, passando miséria e fome. Um desemprego gigantesco, que vai chegando a dois milhões de pessoas, paralisa em parte este maior centro de produção e trabalho do País.

A Igreja Católica tem participado intensamente dessa história de 450 anos, em que experimentou também a alegria e a graça de colher frutos notáveis de santidade entre seus fiéis, como foram o Beato José de Anchieta, um dos fundadores da cidade que aqui atuou como missionário, catequista e pacificador dos indígenas; depois, o Beato Frei Galvão, que por 60 anos viveu e trabalhou em São Paulo, fundador do Mosteiro da Luz, e aqui morreu em 1822; mais recentemente, no século 20, Santa Paulina, que chegou a São Paulo em 1903, trazendo de Santa Catarina sua fundação religiosa e aqui passou a viver, trabalhando entre os mais pobres, e aqui morreu em 1942.

A Igreja sempre se empenhou em estar a serviço de toda a população desta metrópole, especialmente a serviço dos pobres e excluídos, realizando a evangelização, conduzindo o povo às celebrações litúrgicas, aos sacramentos e à vida de oração, pregando os valores morais e éticos, exercendo a caridade e a solidariedade para com os pobres e os injustiçados, realizando trabalhos de promoção humana, estimulando seus fiéis à participação política, defendendo e promovendo os direitos humanos de todos igualmente.

Hoje, essa Igreja homenageia a cidade, assumindo uma vez mais o compromisso de estar sempre a serviço do povo paulistano.

Em primeiro lugar, o serviço da

evangelização, conforme o mandato de Jesus Cristo: *Ide pelo mundo inteiro e anunciai o Evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo* (Mc 16,15-16). Este é nosso dever fundamental, do qual não podemos abdicar em nenhuma circunstância. Nesta tarefa evangelizadora e missionária a Igreja nesta cidade se espelha e inspira no apóstolo Paulo, o grande missionário das primeiras horas do cristianismo. Evangelizar significa fazer de Jesus Cristo uma boa notícia para cada pessoa, para cada povo. Significa mostrar como Jesus Cristo tem a resposta para as grandes questões que em cada época povoam o coração humano.



Foto: Avelino S. de Godoy

Praça do Patriarca, SP, manifestação popular na festa de inauguração da nova prefeitura de São Paulo.

Por isso, hoje, a Arquidiocese de São Paulo se propõe desenvolver uma missão permanente em São Paulo, a fim de que o Evangelho leve a todos, homens e mulheres, a aderirem mais profundamente à pessoa de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, e à sua mensagem.

Em segundo lugar, queremos trabalhar para que a fé seja levada sempre à prática mediante o exercício da caridade e da solidariedade para com todos, em especial para com os pobres. Queremos contribuir sempre para a construção de uma sociedade justa, fraterna, pacífica e próspera para todos igualmente. Neste sentido, queremos unir nossos esforços com toda a sociedade, mas particularmente com o poder público, pois conta-

mos hoje, felizmente, com o presidente Lula à frente do País, Dr. Geraldo Alkmin à frente do Estado de São Paulo e a Sra. Marta Suplicy à frente da cidade de São Paulo, governantes que se identificam com as grandes necessidades e aspirações do povo, empenham-se na luta contra a pobreza, a miséria e a fome, construindo um futuro melhor para todos e, em primeiro lugar, para os pobres. Queremos também colaborar com as universidades, para que nos ajudem a elucidar as estruturas e os mecanismos que geram hoje a pobreza e assim nos ajudem a encontrar práticas, e propor aos governantes políticas públicas, de resgate dos pobres.

Em terceiro lugar, queremos cultivar e ampliar o diálogo com toda a cidade, com as diferentes culturas e as diferentes crenças religiosas, visando fazer crescer o respeito à alteridade, a compreensão mútua e a colaboração na construção da paz social.

Termino agradecendo com grande amor e respeito a preciosa palavra e bênção apostólica de Sua Santidade o Papa João Paulo II à cidade de São Paulo, lida no início desta celebração eucarística por sua Excelência Reverendíssima o Sr. Nuncio Apostólico no Brasil. Queremos retribuir este presente do Papa, com nossas orações e nossa fidelidade. Peço a Deus que esta bênção apostólica faça desta cidade, uma cidade em que Deus será sempre acolhido, ouvido e sumamente honrado, uma cidade em que possamos experimentar constantemente de como Deus nos ama a todos, como filhos e filhas, que Ele não quer perder.

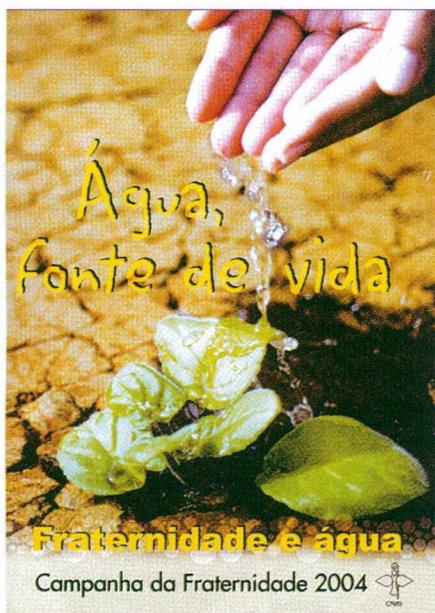
Convido agora todos a continuarmos esta celebração de louvor a Deus, felizes e de coração aberto. Que Deus seja bendito para sempre. Amém."

Cardeal d. Cláudio Hummes

Fraternidade e água

Água fonte de vida

(Continuação)



Nos aspectos gerais, os dados do governo brasileiro são muito próximos aos da Organização Pan-americana de Saúde, Opas, quando trata dos índices urbanos; quanto aos índices rurais: 92,4% da população conta com serviço de água, 50,9% tem coleta de esgoto e 25,6% recebe tratamento de esgoto.

No meio rural brasileiro, a situação da água potável é ainda mais crítica. Segundo dados da Associação Brasileira da Reforma Agrária (Abra), 90% da população rural brasileira não tem acesso à água encanada. É óbvio que a água encanada não significa, necessariamente, água potável. Assim como não ter água encanada não significa não ter água potável. Muitas fontes rurais que abastecem diretamente as famílias são potáveis.

Entretanto, mais uma vez os dados da Opas e do governo se aproxima-

mam. Somando-se a porcentagem rural com a urbana, aproximadamente, 20% da população brasileira não tem acesso à água potável. Acrescentando os 40% que não têm água com confiabilidade, 60% da população brasileira (105 milhões de pessoas) vive em estado de insegurança quanto à água que consome.

A ONU afirma que a situação vai piorar e vê um futuro assustador; em 2025, 40% da humanidade terá problemas de água. A poluição das águas compromete tanto a vida biológica quanto a psíquica do homem contemporâneo.

Na região semi-árida do Brasil, embora haja uma pluviosidade média de 750 mm/ano e a disponibilidade de água atinja níveis regulares, segundo padrões da ONU, a ausência de água potável é uma das causas fundamentais da tragédia nordestina que perdura, há séculos.

Mesmo em regiões brasileiras com abundância de água, como a Amazônia e o Pantanal, muitas pessoas não

têm água de qualidade para beber. Vários centros urbanos brasileiros, em determinadas épocas do ano, apresentam problemas sérios de abastecimento para sua população.

Poluir as águas, danificar os rios e os lençóis subterrâneos, destruir nascentes e depredar mangues significa atentar contra todas as formas de vida. Nesse sentido, a água tem uma dimensão vital e ética que precisa ser cultivada e não podemos permitir que ela se perca. É da responsabilidade de toda pessoa, principalmente daquela que detém o poder e a decisão, zelar pela qualidade das águas e pelo acesso de todas as pessoas humanas e seres vivos a elas.

Água, necessidade e direito de todos

A água é uma necessidade primária, portanto, direito e patrimônio de todos os seres vivos, não apenas da humanidade. A água é, por excelência, um bem de destinação universal. A primazia da vida se estabelece sobre todos os outros possíveis usos da água. Nenhum outro uso da água, nenhum interesse de ordem política, de mercado ou de poder, pode se sobrepor às leis básicas da vida.

Nesse sentido, a ONU coloca a água para consumo humano no contexto do "direito humano à alimentação". Várias organizações não-governamentais lutam por essa dimensão da água em nível planetário. O Brasil é signatário da convenção dos direitos humanos. *(Continua.)*



Foto: Silvio Vinco Esgalha

Clonagem

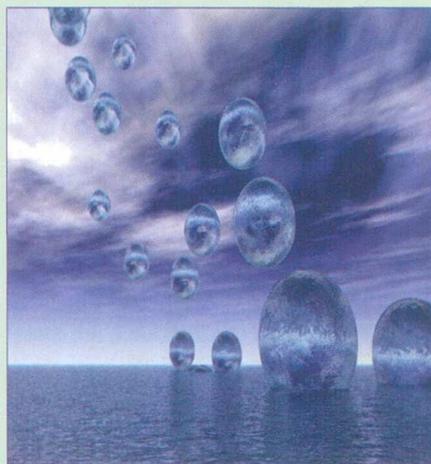
J. B. Libânio

A clonagem humana possui aspectos que interferem diretamente nos valores éticos. Vi-ge uma distinção entre o fato da clonagem e o juízo ético sobre o mesmo. Infelizmente, prevê-se que os cientistas teimarão em clonar o ser humano. Sonham, como eternos ícaros, subir até o sol. A ética e a prática científica, frequentemente até certo ponto, opõem-se. A clonagem implica riscos para a humanidade. Podemos criar monstros nos laboratórios. Se a técnica da clonagem tivesse caído nas mãos de um Hitler ou de um Stalin, que teriam feito tais homens? Existem muitos semelhantes a eles e que ocupam o pros-cênio da política. Quem provoca uma guerra por interesses econômicos e eleitoreiros, que fará com os avanços tecnológicos da manipulação humana?

Independentemente desses riscos, o ato mesmo de clonar um ser humano fere a ética. Tratam-se seres humanos como objetos produzidos por uma técnica e não frutos do relacionamento de amor entre humanos. O ser humano goza de uma dimensão de afetividade, de transcendência que nunca poderá ser reduzida à sua condição corpórea. É verdade que na natureza não está tudo escrito sobre as possibilidades humanas. Existe espaço para criar e inventar. No entanto, há traços aí impressos que nos revelam o mais profundo de nosso ser, o projeto do Criador e transgredi-los custar-nos-á preço alto. Ora, a experiência humana evidencia que a nossa vida nasce de um ato de amor entre um homem e uma mulher. Toda vez que se desrespeita a origem humana do amor conjugal do pai e da mãe, mar-

cas negativas imprimem-se no mais profundo do inconsciente da criança para toda a sua vida. Que o digam os psicanalistas! Que pensar de um clone humano, gerado num laboratório, sem pai nem mãe no sentido humano do termo?!

A questão da clonagem envolve outros problemas. A maioria dos cientistas acredita que o aglomerado de células resultantes da clonagem reprodutiva para fins terapêuticos não é uma forma de vida, pois um embrião



até dez dias após a fertilização não poderia ser considerado uma vida, uma vez que o desenvolvimento do sistema nervoso se inicia por volta do 14º dia após a fertilização.

É tão simples assim a questão? Têm as ciências naturais competência para dizer quem é ser humano? Na verdade, trata-se de um problema filosófico e teológico. As ciências naturais, no máximo, oferecem dados para a filosofia e a teologia pensarem. Elas não têm, até o momento, possibilidade de decidir, com absoluta certeza, que um óvulo fecundado não seja já o início da vida humana. Po-

dem inclinar-se, no máximo, para outras possíveis posições ou mesmo prováveis. Em muitos campos, basta a probabilidade para justificar a ação humana. No entanto, em se tratando da vida humana, a ética é maximalista para protegê-la. Havendo um mínimo de possibilidade de o óvulo fecundado ser o início da vida humana, é ético eliminá-lo diretamente.

A vida humana é o maior valor que existe e não cai sob o arbítrio de outro ser humano. Se, na dúvida, se pudesse matar, o futuro do convívio humano estaria ameaçado. Se a vida de outra pessoa dependesse de critérios seletivos, justificaríamos as eugenias, a morte de pessoas socialmente inúteis, de doentes mentais, de anciãos terminais, de pessoas ideologicamente perigosas. Entraríamos numa violência selvagem que conhecemos no nazismo, no estalinismo e, em menor dose, nas ditaduras militares da América Latina e nas políticas norte-americanas de extermínio de inimigos. Se essas trágicas exceções criminosas forem justificadas, pobre humanidade!

A teologia opõe-se radicalmente à morte direta de qualquer ser humano inocente e hoje até mesmo criminoso. Se ela aceitou a pena de morte, durante muito tempo, afasta-se cada vez mais de tal posição, prevendo o risco de entregar a juízos humanos falíveis a vida de outra pessoa. Reconhece em cada ser humano uma liberdade e consciência, uma relação com a Transcendência. Merece respeito absoluto em todos os momentos da vida.



J. B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores dos jesuítas (CES), Belo Horizonte, MG.

Ação de graças

Frei Betto

Dou graças ao Senhor pela fé que me arrebatou e queima, e calcina o meu espírito, e me faz atravessar as noites de obscuridade, e me clareia de relâmpagos, e verga os meus joelhos diante do Mistério, e arranca dos meus lábios secos sussurros orantes.

Graças ao Senhor pelo olhar enternecido da mãe debruçada junto ao berço, e do pai prenhe de clamores de justiça, e da família que se interroga frente ao futuro, intimidada pelas vicissitudes de uma política engessada, sem, no entanto, esmorecer na luta cidadã por direitos e conquistas.

Ao Senhor, graças pelos navios que hasteiam bandeiras no horizonte da utopia e despejam de seus conveses a memória dos excluídos, e aos caçadores de esperanças que jamais perdem de vista o seu alvo, e aos peregrinos que se recusam a cessar seus passos em troca de uma estabilidade tão inepta quanto pássaros empalhados.

Dou graças pelo encantamento da palavra, sua força criativa, vulcânica, instauradora de ódios e amores, e seu eco inaudível nos subterrâneos da consciência, lá onde o verbo que se faz carne, transubstanciando-se em espírito e descerrando as profundências da verdade.

Graças pelos que fraudam as guerras e expõem ao ridículo a arrogância dos poderosos, que tornam inviável o equilíbrio de forças, pois sabem que a paz é filha da justiça, e que a política se cura da insanidade quando, transmutada em chaves, abre os grilhões que oprimem os pobres.

Graças ao Senhor pelo *bigue-bangue* (explosão cósmica) e as explosões solares, as supernovas (estrelas) que reinauguram a Criação, os *quarks* (partículas elétricas), centrados no mistério da Trindade, os fótons que nos trazem luz, os teoremas de Pitágoras, o heliocentrismo de Copérnico, a insubmissão de Galileu, a maçã de Newton, e o elevador do departamento de patentes de Einstein.

Ao Senhor, dou graças por quem, desprovido de terra, ergue-se repleto de dignidade e abriga-se sob a lona preta para escapar da favelização urbana, e desmascara a lei injusta, a prepotência do latifúndio, a agressividade bélica dos que se julgam portadores de escrituras divinas.

Graças pelo silêncio dos monges enclausurados, a quietude solene das bibliotecas abaciais, o tom suave, repetitivo e solene do canto gregoriano, a sensualidade das curvas góticas, a irreverência do barroco e a beleza hermafrodita dos anjos.

Dou graças por tanta fraqueza subjacente às nossas petulantes aparências, a carência indignada de nossa subjetividade, avessa à mentira, ao suborno e à falsa promessa, e nos faz descolar-nos de nós mesmos para que, distanciados por fazer o que não somos, sejamos capazes de começar de novo.

Senhor, graças pelo teu amor espelhado nas faces dos dementes, e o tamanho incomensurável de teu perdão a quem verga o coração em súplicas, e a tua cumplicidade com quem rompe leis e cânones para jamais trair a própria consciência.

Graças pelos governantes que ousam dessedentar-se no poço frio da humildade, e não despedem os pobres com as mãos vazias, e consolidam em compromissos as promessas, e forjam decisões, traduzindo-as em efetivas alegrias.

Dou graças ao Senhor pelo traçado irregular da vida, e tantas curvas nos afetos, e as surpresas cotidianas que aplacam desesperanças, e as amizades indelévels, e os >>>>





A esta altura, creio que não há quase ninguém que não tenha visto o excelente e instigante filme do diretor canadense Denys Arcand “As invasões bárbaras”. Realização cinematográfica da maior qualidade, apresenta igualmente riquíssimo material para reflexão sobre vários aspectos da vida neste mundo moderno e pós-

Perdão: caminho da paz

Maria Clara Lucchetti Bingemer

moderno. Passam por sua câmera problemas sociais, afetivos, questionamentos vitais, situações complexas, enfim, uma vasta gama de sentimentos, dores e alegrias humanas em dinâmica interação.

Em uma das muitas inesquecíveis cenas, aparece o personagem Remy, doente terminal de câncer, conversando com a ministra da Eucaristia que o visita frequentemente em um hospital de primeiro mundo que se parece muito aos nossos do INPS. Abaladíssimo interiormente pela doença que o consome, Remy lança ao rosto de sua interlocutora palavras amargas. Como professor de história que é, revolta-se contra os estereótipos e falácias que sempre fizeram a humanidade crer que os genocídios são apenas aqueles narrados pela história oficial.

Uma paz verdadeira não pode ser construída apenas pretendendo fechar os olhos ou ignorar as violências que, a cada dia, fazem vários milhares de vítimas.

Contestando que o maior genocídio do mundo tenha sido a segunda guerra mundial, Remy evoca o massacre dos índigenas em toda a América, do Norte e do Sul, executado pelo projeto colonial, em parceria com a religião institucional.

Em meio a seu drama pessoal, emerge nele com fúria e violência o vigor dos antigos dias de cátedra e militância política. Lança dardos envenenados contra todas as instituições que sua língua encontra pelo caminho, inclusive a Igreja Católica.

>>>> encontros de inesperada alegria, o peso leve do fardo amado, o vigor de abraços que sacramentam laços definitivos, e a identidade que se traduz na limpidez do olhar.

Graças pelo banco de praça, e seus velhos entretidos em memoráveis jogos, o sino repicando na torre da matriz, o sorveteiro assediado por crianças, a moça feia enfeitada de beleza pelo coração apaixonado, correspondida pelo belo moço que deu as costas a tantos rostos que se julgam bonitos.

Dou graças pelo xale que agasalha a mulher na cadeira de balanço, embalada de recordações, e a corrida do menino eivado de júbilo ao encontro do colega, e o vaso de flor colorindo a janela, e a foto dos avós no criado-mudo, e o vinho nobre guardado para

uma ocasião especial, e o pão besuntado de manteiga liturgicamente servido e servido no café-com-leite.

Deus, graças pela poesia e a dúvida, a matemática e tão poucas adições numa vida de subtrações, a filosofia, e a estupidez dos cétricos, os belos horizontes e as tardes de trovões e raios, os prêmios e as derrotas, o sucesso e o fracasso, o que se fala e o que se cala.

Graças, enfim, pela vida e pela morte, esta senhora que nos aguarda de braços abertos numa esquina da existência, pronta a nos seduzir e conduzir irremediavelmente à tua presença, onde haveremos de, afinal, entender por que todas as tuas ações são de graça. 

Frei Betto é escritor, autor de “A obra do artista – uma visão holística do Universo” (Ática), entre outros livros.

Com isso, deseja e pretende agredir também a mulher que, com incansável paciência e sem nenhum ranço de sacristia, o visita diariamente, procurando animá-lo e ajudá-lo a viver sua dolorosa situação.

O quadro que pinta não pode ser mais negativo. Nada mais resiste em pé, nada vale a pena, a história da humanidade é uma sucessão de la-

é Denys Arcand que interpela os espectadores de seu filme, colocando à prova sua fé na possibilidade do perdão. Parece-me que aí se encontra uma rica e fecunda pista para as possibilidades da paz hoje.

Uma paz verdadeira não pode ser construída apenas pretendendo fechar os olhos ou ignorar as violências que, a cada dia, fazem vários

do o futuro da humanidade, do mundo, da criação. Diante disso, só o perdão tem poder recriador. O perdão que, filho dileto do amor, reconhece o mal feito, mas escolhe não interromper o gesto doador. Continua, persiste, *per-doa*: persiste na doação.

Neste início de ano, quando acabamos de celebrar o Dia Mundial da Paz, a profissão de fé de Constança nos convida a manter acesa a

Quando tudo parecer perdido; quando tudo se visibilizar apenas como um mar de injustiça, violência, crime e calamidade; quando todas as razões para esperar estiverem esgotadas, importa crer que o perdão é possível.

chama da esperança. Quando tudo parecer perdido; quando tudo se visibilizar apenas como um mar de injustiça, violência, crime e calamidade; quando todas as razões para esperar estiverem esgotadas, importa crer que o perdão é possível. Mesmo que não encontremos mais em nós sua fonte. Mesmo que estejamos ressequidos, de todo, de um amor que já não mais experimentamos e no qual não mais cremos. Importa esperar que, justamente por isso, existe Alguém que tem poder para perdoar, para recriar, para, dos ossos secos, fazer nova vida, do deserto jardim e, face a face com a morte, coragem nova para viver mais plenamente. Alguém que é a fonte de todo perdão e portanto da paz verdadeira.

Maria Clara L. Bingemer é teóloga da PUC/RJ e coord. do Centro Loyola de Fé e Cultura. (Portal eletrônico: www.users.rdc.puc-rio.br/agape).



Ilustração: Cenas do filme As invasões barbaras

mentáveis erros. O desespero do doente que se defronta com a morte próxima e a ausência de futuro e esperança é projetado no diagnóstico sombrio que faz do futuro do mundo.

É quando Constança, que o ouviu atentamente, pronuncia uma frase que faz calar o ódio que lhe sai da boca: “Se é tudo tão horrível, se tudo não foi senão uma série de monstruosidades, tem que haver alguém que possa nos perdoar”.

Remy não responde a Constança. E isso não importa muito. Pois não é só a ele que ela se dirige. Por sua boca,

milhares de vítimas. Genocídios menores ou maiores (e a quantidade importa muito pouco quando disso se trata) aí estão os massacres diários nas grandes cidades brasileiras; a chacina que continua acontecendo do outro lado do mundo, mas não tão longe de nós; os chefes das grandes potências fazendo discursos e propostas de uma política que só tem trazido à humanidade mais morticínio e sofrimento.

E segue a vida sempre mais ameaçada, atingindo cada vez mais crianças, jovens, mulheres, diziman-

São José e os apócrifos

Elias Leite

Denominam-se apócrifos, no sentido geral, livros ou escritos antigos carentes de autenticidade. São-lhes opostos os chamados canônicos, os autorizados, verdadeiros. Na literatura judaico-cristã, os apócrifos, livros, escritos, fragmentos de pergaminho dos primeiros séculos, apresentam-se com forte número de autores sem precisa autenticidade, de variados estilos e com pouca probabilidade histórica. Muitos fatos, porém, têm conotações verdadeiras com textos autênticos da Escritura Sagrada que querem relatar.

Nestes escritos, particularmente intitulados evangelhos, percebe-se acentuada tendência em preencher vazios da verdadeira literatura evangélica com narrativas detalhadas, ingênuas, imaginativas, quando não lendárias. Isso, contudo, não lhes tira o mérito de tópicos verídicos apresentados, e de terem suscitado e mantido, de certo modo, a curiosidade, a devoção e mesmo a piedade cristã dos primeiros séculos à idade medieval.

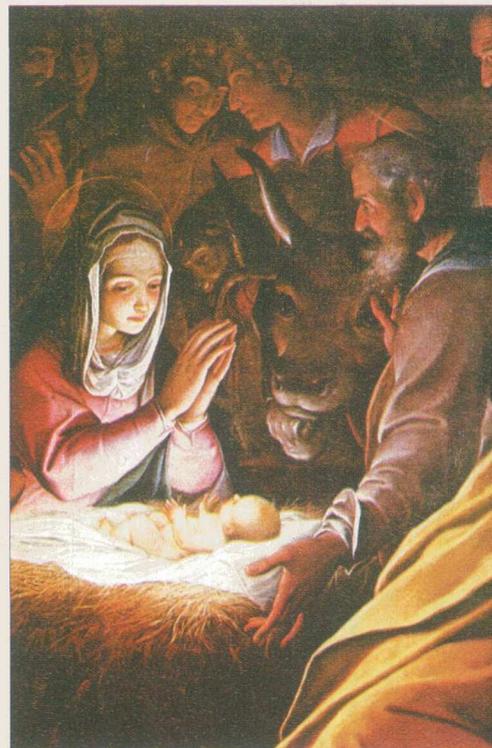
A literatura neotestamentária da Igreja Católica, mantém desde o princípio um rigor *canônico* sobre o que dizem a história e a doutrina desses livros e fragmentos estudados. Não os tem apenas como gênero literário, mas, acima de tudo, como verdadeiros fundamentos doutrinários dos religiosos mistérios da Fé católica.

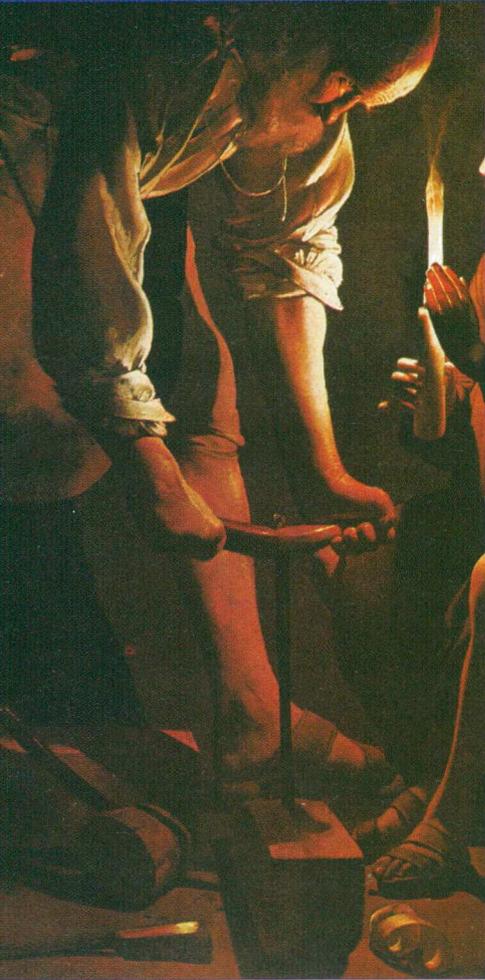
Isto posto, podemos entrar na curiosa história primitiva de um desses evangelhos apócrifos no tocante a tópicos da vida extraordinária de São José, o esposo de Maria, mãe de Jesus.

Como breve introdução, chamamos à atenção dos leitores, não haver em momento algum, no texto, qualquer alusão: 1º) à infidelidade de José; 2º) a que ele tivesse admitido o menor limite à virgindade plena de sua esposa; 3º) a que tenha duvidado da ação do Espírito Santo na encarnação do Verbo da Trindade, quando do anúncio de Gabriel a Maria e a realização do seu “sim” à proposta do

Pai, Deus e Senhor. Pode parecer absurdo, mas, nisso e em vários tópicos mais, podemos dizer que os apócrifos foram “canônicos”.

Os textos apócrifos datam a partir do século III aproximadamente. Houve traduções das mais variadas línguas antigas, do Aramaico, do Grego, do Siríaco, do Árabe e de muitos outros idiomas etíopicos e indo-europeus. Épocas houve em que muitos desses escritos foram condenados pelo Papa como heréticos, tendo-se em conta que vários deles foram intencionalmente publicados com o objetivo de contradizer a sã doutrina da Igreja Católica.





José carpinteiro, 1640-1645, Geoges de La Tour

nas doutrinas, foi feito sacerdote do templo do Senhor. Ele sobressaía, além disso, no ofício de carpinteiro e, como de costume entre todos os homens, casou-se. Gerou filhos e filhas: quatro filhos e duas filhas. Estes são seus nomes: Judas, Justo, Tiago, Simeão. As duas filhas se chamavam Ássia e Lídia.

Um dia, a mulher do justo José, depois de se ter preocupado com a glória divina em todas as suas ações, morreu. Mas esse homem justo, José, meu pai segundo a carne e esposo de Maria, minha mãe, foi com seus filhos, exercer sua profissão, isto é, o ofício de carpinteiro.

2. Quando José, o justo, ficou viúvo, minha santa, bendita e pura mãe, Maria, já tinha completado doze anos.

Continuando a narrativa, o autor diz que Maria foi levada ao Templo aos três anos e lá ficou internada até os nove. Com essa idade, os sacerdotes acharam por bem convocarem doze homens idosos da tribo de Judá, para a escolha de um tutor para a menina. Foi tirada a sorte entre eles e o escolhido foi José.

3. Os sacerdotes disseram, então, a minha bendita mãe: 'Vai com José e permanece com ele até o tempo das núpcias. Por isso, o justo José tomou minha mãe e levou-a para a sua casa. Deixando-a em casa, José foi para a oficina na qual exercia o ofício de carpinteiro.

Maria encontrou na casa Tiago, o Menor, que estava triste por ter perdido sua mãe, e o criou. Daí ser chamada de mãe de Tiago (Mt 27,56).

Nota: As citações do Novo Testamento são para se verificar pontos de contato entre evangelhos apócrifos e os canônicos.

(Continua no próximo número.)

Elias Leite é missionário claretiano, escritor, poeta, autor de vários livros.

Na escolha do texto, optamos pelo texto latino: *Suma de donis Sancti Joseph*, (Súmula dos atos de São José – Recensão árabe-latina, códice H, 1522) - HISTÓRIA DO CARPINTEIRO JOSÉ:

Diz o autor: *Foi o próprio nosso Senhor Jesus Cristo quem narrou esta história aos seus santos discípulos no monte das Oliveiras. Os santos apóstolos conservaram estas palavras, puseram-nas por escrito e as deixaram na Biblioteca de Jerusalém. A sua oração nos guarde. Amém.*

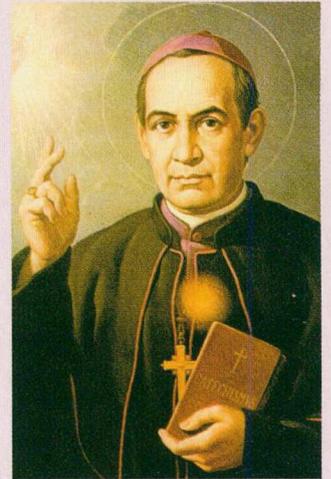
Do matrimônio, aos 111 anos

O autor faz, inicialmente, algumas observações, que omitimos.

1. Houve um homem de nome José, nascido de uma estirpe de Belém, cidade de Judá, e da estirpe do rei Davi. Bem formado nos ensinamentos e

MISSIONÁRIOS CLARETIANOS

Servidores da Palavra
ao estilo de Claret,
anunciando a Boa Nova do
Reino a todos os povos e
nações



Santo Antônio Maria Claret

VENHA CONOSCO NESSA MISSÃO!

SECRETARIA VOCACIONAL

Campinas, SP

(19) 9604-2745 / 3242-2258
pemaucio@mpc.com.br

Belo Horizonte, MG

(31) 3218-7676
curiabc@uai.com.br

CENTRO DE PE. JAIME CLOTET

Pato Branco, PR (46) 224-4129
luisfavoretto@bol.com.br

COMUNIDADES CLARETIANAS

Maceió, AL (82) 326-8122
missaoclaret@ofm.com.br

Campinápolis, MT

(66) 437-1106
ciceroseverino@hotmail.com

Taguatinga, DF - (61) 351-1051

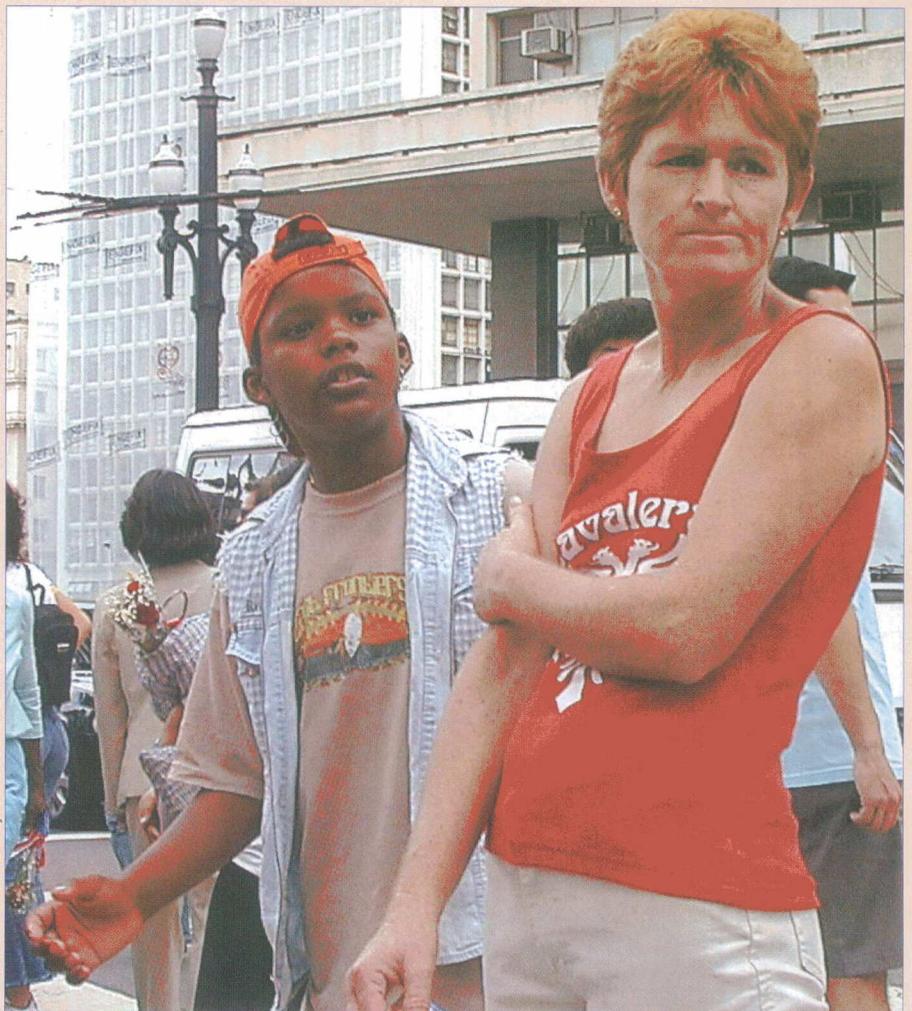
Construção da identidade na adolescência

Izabel Petraglia

"É necessário haver um caos dentro de si para dar à luz a uma estrela que dança" (Nietzsche).

Refletindo sobre o tema, podemos destacar transgressão, agressividade e rebeldia como manifestações da cultura adolescente. Será que a construção da identidade na adolescência inclui ou acolhe tais componentes? De que forma essas manifestações contribuem positivamente para a metamorfose humana, enquanto processo de crescimento e, portanto, de transformação dos seres inacabados?

Transgressão é a ação de transgredir, ou seja, contrariar a ordem ou a lei estabelecida. Esse tipo de comportamento é muito comum na adolescência, fase de descobertas e questionamentos em que se delineiam e desenham os primeiros contornos da identidade do indivíduo. Os jovens se revoltam, geralmente, quando seus valores são deturpados, quando os ideais de que compartilham entram em choque com o que determinam os adultos... Sofrem por serem tratados, na maioria das vezes, como crianças, e esperam deles atitudes maduras e



Fotos: Avelino S. de Godoy

adultas. Vivem e são vítimas das incoerências dos familiares e das autoridades que os cercam. Decepcionam-se com as instituições que conhecem e freqüentam, conhecendo a hipocrisia humana, a violência e a injustiça que repudiam.

A partir daí, cada um lida com a diversidade de um modo: uns rebelam-se contra tudo e contra todos, passando a transgredir; outros se tornam submissos às regras e às pessoas de modo geral; outros ainda buscam substituições e preenchimento do vazio, entregando-se às drogas, álcool ou fugas diversas. Passam a criar seus próprios espaços;

unem-se buscando iguais, nos grupos, guetos ou "gangs". Querem desafiar, enfrentar, violar, desobedecer e contestar. Medem forças com os adultos porque precisam se auto-afirmar, precisam agradar seus pares, e serem vistos como pessoas de destaque dentro do grupo. Precisam se sentir parte de um grupo, respeitados e admirados, nem que, para isso, seja preciso ir contra os pais, familiares e a sociedade. Na adolescência, mais do que em qualquer outra fase da vida, o grupo tem muita força, chegando, muitas vezes, a determinar os padrões de comportamento e ditando

LEITOR ESCREVE

Pe. Nilton César Boni, cmf — Rio Claro, SP

Pastoral Educativa - Colégio Integrado Claretiano e Faculdades Integradas Claretianas.

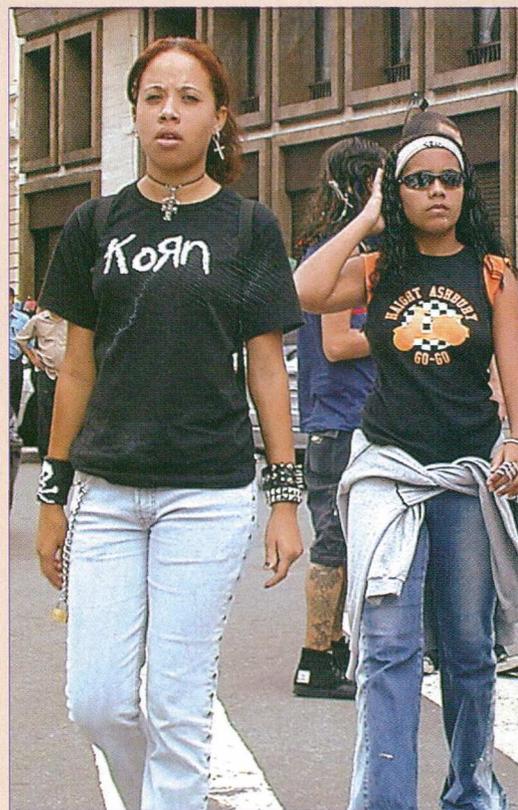
Sobre o artigo da edição passada/fevereiro:

"Complexidade humana e adolescência" - Izabel Petraglia

Parabenizo a autora por abordar um tema delicado, complexo e ao mesmo tempo necessário para uma compreensão do ser humano e do adolescente.

Em contato com vários casais cujos filhos são adolescentes, um deles me disse: "Estou tentando compreender meu filho, ele ainda não sabe quem é", justamente pela fase de transição que tanto o adolescente como os pais estão tendo. Infelizmente, a maioria dos pais não tem um suporte para compreender essa fase e acabam sem saber "destruindo" uma relação que neste momento precisa de solidez e apoio.

A escola deveria integrar em seu currículo uma formação humana familiar, enfocando justamente a adolescência como fase de transição e construção da identidade do indivíduo. Há muito por se fazer neste campo, mas tanto os pais como os educadores devem identificar a realidade pelas quais passa o ser humano nas diferentes etapas da vida e, dessa maneira, trabalhar na construção e na promoção da dignidade de cada um. Eis o nosso papel de promotores da vida. Só podemos ser felizes à medida que nos conhecermos e conhecermos a complexidade da nossa vida.



o que devem e o que não devem fazer.

No que diz respeito à agressividade, tanto jovens como crianças e adultos a possuem, já que se trata de energia, intrínseca à condição humana, portanto, uma tendência real a todo o ser humano. O que se faz necessário discutir é de que forma essa agressividade se manifesta ou em que modalidade ela é expressa pela pessoa. Há o sujeito que canaliza sua agressividade para o outro que, com idéias contrárias às suas, torna-se o alvo dessa agressividade transformada em violência, com comportamentos negativos, destrutivos e violentos; há pessoas que reprimem a expressão de sua agressividade e, internalizando-a e sufocando-a, acabam produzindo somatizações ou depressão e, há ainda, aqueles que, de modo assertivo, direcionam a energia de sua agressividade, canalizando-a a favor de suas realizações, de causas espe-

LEITOR ESCREVE

Rosilene Pinca Moro

Coordenadora pedagógica do Colégio Claretiano, SP

Izabel Petraglia, em seu artigo "Complexidade Humana e Adolescência," consegue expressar com clareza a "difícil arte" de ser adolescente e de compreender o adolescente. Pais e educadores tentam ajustar suas idéias e práticas de convívio com os adolescentes que, ao buscar a própria identidade, são muitas vezes tiranos e cruéis com seus pais e dóceis com seus pares.

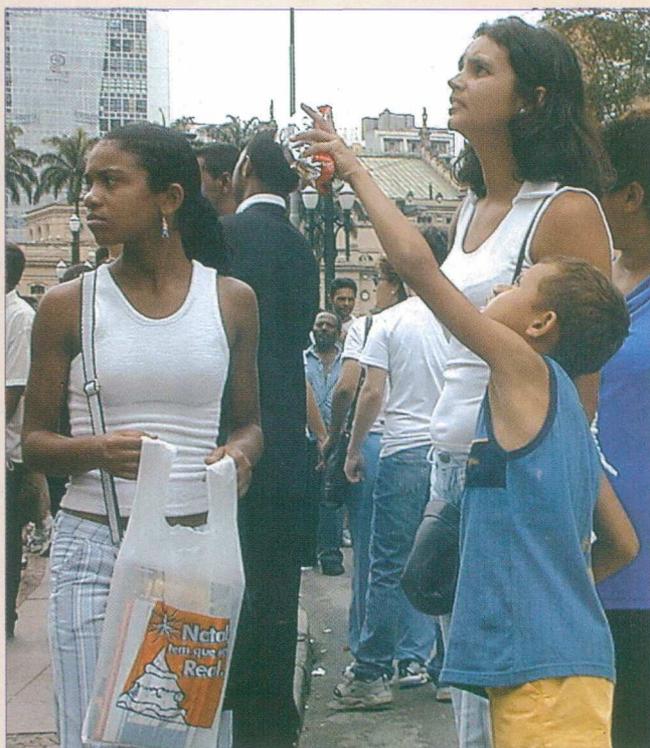
Dentro desse contexto, o artigo vem em socorro a nós pais e educadores do século XXI.

cíficas e de projetos construtivos.

Trata-se, pois, do enfrentamento saudável e equilibrado dos desafios do mundo, e isso precisa ser iniciado desde os primeiros anos da vida de uma pessoa. Para tanto, é fundamental a participação e o envolvimento da família, na facilitação desse processo, uma vez que a criança é dependente dos pais e do ambiente que a cerca para uma base sólida e propícia para a construção de sua identidade. É na família que ela deve encontrar o alicerce para essa construção, que irá consolidar-se entre a adolescência e a fase adulta.

Os pais costumam alegrar-se quando seus filhos, crianças ou adolescentes, mostram-se obedientes e dependentes. Parece não haver qualquer problema familiar e, aparentemente, trata-se de uma família ajustada com pessoas felizes. Em outra pers-

pectiva, pode haver ausência de uma vida criativa, pois não aparece a contestação e as contradições humanas. Pode ser, tão somente, apatia. A agressividade que é reprimida na criança ou no adolescente, às vezes por castigos ou por outra forma de violência dos adultos, pode até fazer com que ele se mostre "bonzinho" ou "obediente", mas os efeitos, poderão ser devastadores no futuro, tornando os adultos pouco criativos, inseguros, rígidos e dependentes.



Para que um adolescente se torne um adulto feliz, seguro, independente e que apresente uma agressividade genuína, cuja canalização faça parte da construção de sua identidade e de uma sociedade mais justa e solidária, é fundamental que os pais, responsáveis, escola, comunidade e sociedade, de modo geral, estejam atentos para o desenvolvimento de um trabalho educativo, sério e comprometido com o estabelecimento de limites, ao lado da manifestação de uma afetividade verdadeira, com segurança, proteção, aceitação de suas limitações e compreensão de suas possibilidades.

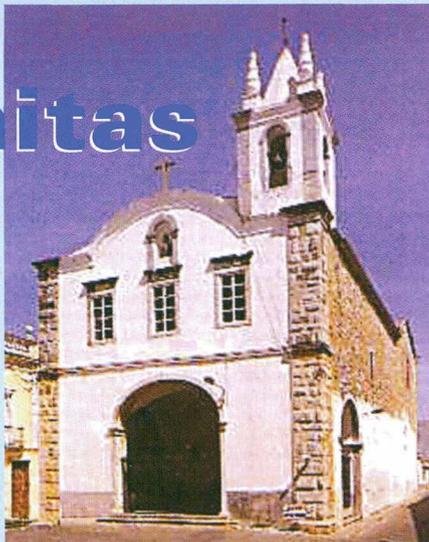
Transgressão, agressividade e rebeldia são variações do mesmo tema ou, de forma mais específica, podemos dizer que rebeldia e transgressão são maneiras de se expressar a agressividade natural de todos os seres humanos. Talvez, maneiras inadequadas; talvez, maneiras não aceitas pelas famílias e pela sociedade; talvez não as maneiras ideais, mas formas possíveis, para os que são, como nos explica Edgar Morin, "homo sapiens-demens" (homem sábio-demente). É, nessa relação de sabedoria e demência, que é preciso que os pais estabeleçam limites, para que os adolescentes possam, gradativamente, construir sua identidade.



Izabel Petraglia é psicóloga e pedagoga; mestre em Educação (PUC/SP); doutora em Educação (USP) e pós-doutorada em Ciências Sociais (EHESS - Paris). É professora de cursos de Graduação e Pós-Graduação. Pesquisadora da Complexidade e Transdisciplinaridade, é co-fundadora e coordenadora do NIIC - Núcleo Interinstitucional de Investigação da Complexidade, sediado no Centro Universitário Nove de Julho em São Paulo, onde é professora do Mestrado em Educação. É autora de vários livros. (izabelp@spo.matrix.com.br)

Senhora dos Eremitas

Roque Vicente Beraldi, CMF



Antigo Convento dos Eremitas de S. Paulo edificado, no século XV, nos arredores de Tavira, no sítio de S. Marcos. Em 1606, transferiram-se para dentro da cidade, para a praça da Alagoa, junto da pequena Ermida de Nossa Senhora da Ajuda.

Contemporâneo a Carlos Magno, que no ano 800, foi coroado pelo papa Leão XIII, imperador do Ocidente, viveu também Meinrado, de família nobre. Foi educado pelos monges beneditinos. Vestiu o hábito dessa ordem religiosa.

Naquele tempo, era possível alguém se retirar para um lugar deserto, afastado das cidades, providenciar o próprio sustento e, longe do bulício do mundo, dedicar-se mais à oração. Chamavam-no de *eremita*.

Assim fez Meinrado. Ele ganhou uma imagem de Nossa Senhora e, levando-a consigo, instalou-se no monte Etzel, na Suíça. Lá, construiu sua morada e oratório onde depositou a imagem.

Mesmo distante era procurado por leigos e religiosos para ouvir seus conselhos. Permaneceu assim durante 33 anos. Dois ladrões, tendo observado que era grande o número de peregrinos que visitavam o eremita, imaginaram que teria muito dinheiro. Por isso, certo dia, o assaltaram-no e o mataram para roubar. Pensavam encontrar imensa riqueza, porém nada havendo, decepcionados, fugiram.

A capela, porém, continuou sendo visitada por peregrinos. Estes propagavam as graças recebidas de Nossa Senhora, por meio de seu servo Meinrado. Aos poucos, o número de visitantes foi crescendo e tornou-se necessário construir uma igreja. Ao lado, foi levantado um mosteiro da Ordem dos Beneditinos. Com o passar dos anos, houve períodos difíceis, como, guerra contra a Suíça, revolução francesa, perseguição, opressão, destruição e outros. Mais tarde, foram reconstruídos o

mosteiro e o templo que recebia muitas dádivas de pessoas devotas. Quando prontos, o bispo de Constança, São Conrado, foi convidado para consagrar o novo templo, em 948.

A Abadia da Ordem de São Bento de Einsiedeln é uma das maiores da Suíça, com centenas de monges. São Meinrado continua ainda lembrado. Foi por causa dele que surgiu a devoção popular de Nossa Senhora dos Eremitas.

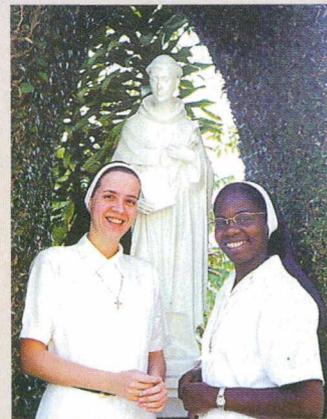
ORAÇÃO

Ó Deus que levastes o povo escolhido ao deserto (Sl 106,4) e, por Cristo, convidastes os discípulos a descansar num lugar deserto (Mt 6,31), fazei-nos como eremitas transformar nosso coração em templo agradável, onde, longe do alarido mundano, Jesus permaneça, como no seio da Virgem Maria, a Senhora dos Eremitas. Amém.

Roque Vicente Beraldi é sacerdote, missionário claretiano.



IRMÃS DOMINICANAS DE SANTA CATARINA DE SENA



JOVEM

embarque em nossa proposta de fazer o bem em todo tempo e lugar.

- Educação • Catequese
- Pastoral paroquial
- Assistência e Pastoral da Saúde
- Missões: dentro e fora do País

**VENHA NOS VISITAR
OU
COMUNIQUE-SE CONOSCO**

São Paulo, SP

Casa Provincial

Rua Manoel da Nóbrega, 307 (Paraíso) CEP 04001-081 Tel. (0__11) 288-2951 e-mail: irsdominicanas@uol.com.br

Limeira, SP

Praça Dr. Luciano Esteves, 30 CEP 13 480-048 - Tel. (0__19) 441-6916

Londrina, PR

Rua Caetano Munhoz da Rocha, 258 (Parque Bom Retiro) CEP 86 025-660 - Tel. (0__43) 329-1326

Petrolina, PE

Rua Joaquim Nabuco, 541 CEP 56 300-000 - Tel. (0__81) 861-0327

CONHEÇA NOSSO TRABALHO PELA INTERNET:
www.dominicanas.com.br

“Nada se pode comparar com a felicidade de ser toda de Deus”.
(Madre Fundadora)

Técnicas para comunicação pacífica

Francisco Gomes de Matos

A paz está sendo objeto de estudo sistemático, internacional, em várias áreas do conhecimento, dentre as quais Educação para a Paz, Direito Internacional, Direitos Humanos, Diplomacia, Resolução de Conflitos, Psicologia da Paz, Comunicação e Lingüística da Paz (sobre esta, consulte-se meu livro: *Comunicar para o Bem. Rumo à Paz Comunicativa*, publicado pela Editora Ave-Maria, São Paulo, 2002).

Desde 1995, venho criando e usando técnicas que possam ajudar usuários da língua portuguesa a se comunicar pacificamente. Assim, em encontros, palestras, seminários e oficinas pedagógicas, compartilho estratégias promotoras de comunicação pacífica, ainda inexploradas nas diversas situações em que as pessoas interagem: salas de aula, locais de trabalho, de lazer, de oração, enfim, em contextos que envolvam meditação ou mediação.

A seguir, apresento dez dessas técnicas, sob forma resumida, na medida do possível, com exemplificação. Como todo ser humano é criativo, cabe a você leitor(a), ampliar e aprimorar a exemplificação, buscando modos de interagir que sejam profundamente humanizadores, pois a comunicação pacífica pressupõe a intenção de tratar e retratar nosso próximo com a maior dignidade possível.

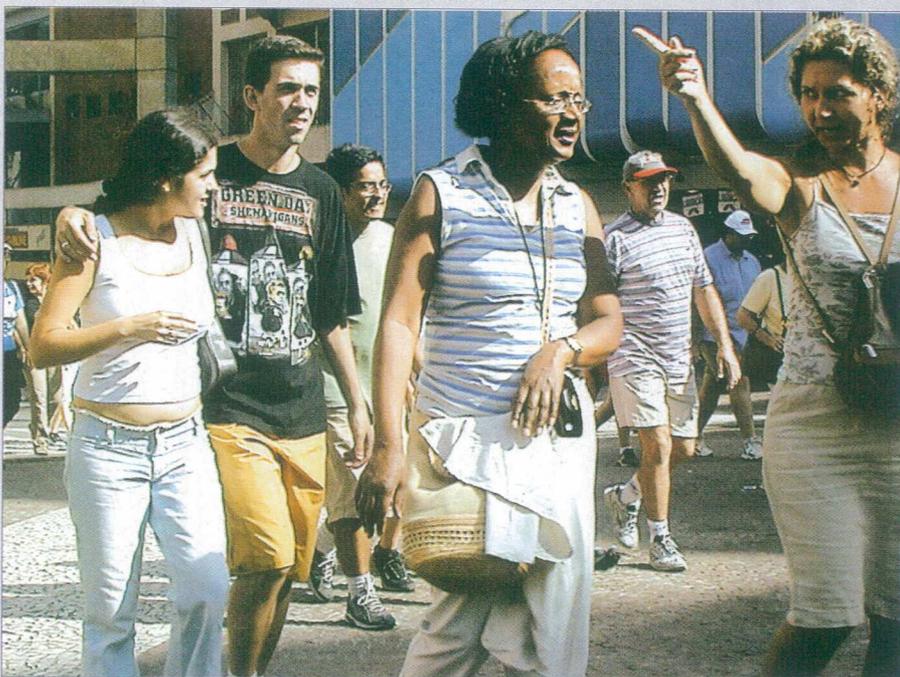
PRIMEIRA TÉCNICA: TRELI — Tríplice Repetição da Letra Inicial de uma palavra. Neste caso, construímos mensagens memoráveis ou seja, dignas de lembrar e fáceis de recordar. Essa técnica, inspirada no processo de aliteração (repetição de sons idênticos), desafia a pessoa a construir frases iniciadas com um verbo. Exemplo: Amemos Amigos e Adversários (uma reescritura do ensinamento de Cristo). Com a letra “D”, poderíamos dizer: Dignifiquemos nosso Diálogo Diário.

SEGUNDA TÉCNICA: Paráfrase (explicação de textos) pacífica de uma citação célebre sobre a paz. Assim, a frase de João Paulo II: “Para alcançar a paz, educar para a paz” poderia ser desdobrada assim: “O caminho para a paz

pressupõe uma educação para a paz”.

TERCEIRA TÉCNICA: Descoberta de pensamentos sobre a paz, de autoria de pessoas que receberam o Prêmio Nobel da Paz. Para isso, uma pesquisa na Internet pode ser de grande valia. (Procure-se, por exemplo, *Nobel Peace Prize*). No caso, registrar-se-iam, num “caderno de comunicação pacífica”, mensagens inspiradoras que pudessem ser usadas em situações diversas de nossa vida familiar, profissional, etc.

QUARTA TÉCNICA: Discussão, em grupo, dos sentidos de *comunicação pacífica* e *comunicação não-violenta*: que tradições preferem a primeira designação ou a segunda e por quê. A consulta a dicionários pode ajudar, bem



Fotos: Avelino S. de Godoy

como a professores de Português, a pessoas atuantes em direitos humanos e áreas afins. Além disso, poder-se-ia discutir a diferença entre o “comunicar bem” e o “comunicar para o bem”, segundo a experiência, o sistema de crenças e valores de cada pessoa.

QUINTA TÉCNICA: transformação de textos desumanizadores, destrutivos, humilhadores, de elevada negatividade, em textos que humanizem, construam, contribuam para uma visão positiva das pessoas, dos animais, das instituições. Trata-se de uma prática de traduzir comunicação negativa em positiva. Para isso, textos podem ser preparados para esse tipo de desafio tradutório; ou, alternativamente, podemos recorrer a textos já publicados ou divulgados que devam ser traduzidos à luz da positividade. (Sobre essa perspectiva, veja-se meu livro: *Pedagogia da Positividade. Comunicação Construtiva em Português*, publicado pela Editora da UFPE, Recife, 1996).

SEXTA TÉCNICA: Descoberta e uso de pensamentos bíblicos promotores de uma comunicação harmoniosa. Assim, no *Livro dos Provérbios*, podemos encontrar frases como estas: *Se você é sábio, controle sua língua* (10,19); *A resposta delicada acalma o furor...* (15,1); *As palavras bondosas são como o mel...* (16,24).

SÉTIMA TÉCNICA: Organização de um vocabulário pacificador. No caso, poderíamos fazer listas de positivadores diversos, principalmente adjetivos e verbos. A imensa quantidade de adjetivos disponíveis em Português (e em outras línguas) para descrever-se a personalidade e as ações humanas constitui um desafio para quem deseje aprender a monitorar essas palavras referentes a



qualidades do ser humano. Individualmente ou em grupo, enumere 20 adjetivos que possam ser usados para caracterizar uma pessoa comunicativamente pacífica. Eis alguns exemplos: (pessoa) amistosa, bondosa, compassiva, compreensiva, conciliadora, cooperativa, construtiva, digna, empática, fraterna, magnânima, prudente.

OITAVA TÉCNICA: Neste caso, temos o inverso da estratégia anterior: organizaríamos listas de verbos /ações a serem evitados em nossa vida. Uma exemplificação fácil: verbos iniciados com o prefixo negativo “des”. Assim, quem se comunica pacificamente, não desdenha (alguém), descompõe, desmoraliza, desnorteia, desorienta, desumaniza, despreza, desrespeita, desvaloriza, descarrega (em alguém), destrata (alguém), desune (um grupo), desarmoniza (um grupo)...

Além dessa listagem verbal, pode-

ríamos organizar uma enumeração de qualidades negativas a serem evitadas por quem pretenda comunicar-se para o bem, isto é, para a paz. Assim, uma pessoa digna de ser chamada comunicadora pacífica não seria acrimoniosa, arrogante, belicosa, briguenta, caluniosa, desagradável, desumana, ditatorial, enganosa, humilhadora, insultuosa, maliciosa, malévola, malevolente, manipuladora, odiosa, rancorosa, vingativa...

NONA TÉCNICA: Elaboração de tipos de produção textual escrita que contribuam para a paz mundial. Nessa categoria, poder-se-iam incluir novos tipos de propostas, recomendações em favor da compreensão entre povos, comunidades, grupos, pessoas. Um exemplo: meu apelo em prol do direito comunicativo fundamental, isto é, do direito que toda pessoa deveria ter: aprender a comunicar-se pacificamente, para o bem da humanidade. Em oficinas de comunicação pacífica, costumo desafiar participantes a criarem rimas centradas na paz. Eis um exemplo: *Comunicar-nos bem*, queremos saber com clareza, coerência e correção. *Comunicar-nos para o bem*, precisamos saber com dignidade, respeito e compaixão.

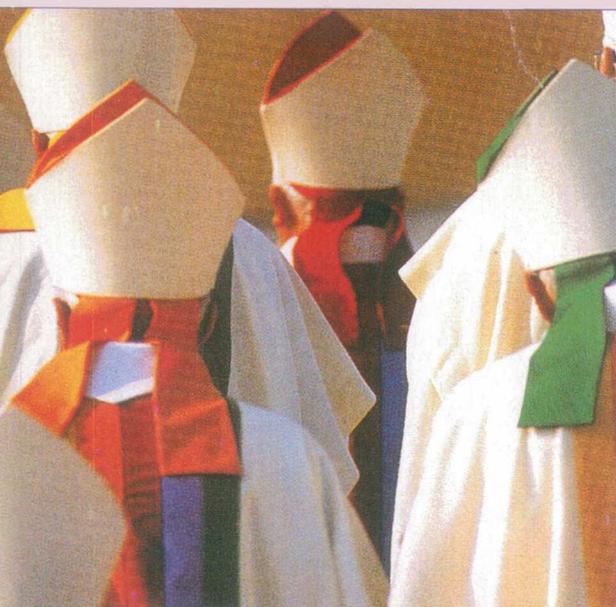
DÉCIMA TÉCNICA: Criação de *slogans* promotores da paz, para uso em casa, na escola, no trabalho, na igreja, etc. Um exemplo (cartaz colocado na parede da sala de aula): “Comunicar bem, faz bem”; “Comunicar para o bem, faz o bem”. Ou, para exemplificar a criatividade irênica (adjetivo de origem grega que significa pacífica) de uma aluna: “Faça o bem, comunicativamando”.

Francisco Gomes de Matos é professor no Departamento de Letras, CAC, UFPE e membro da Comissão de Direitos Humanos Dom Hélder Câmara. E-mail: fcgm@hotmail.com.br

Fora da Igreja há salvação?

José María Vigil

(Continuação)



Na edição de fevereiro, oferecemos visão ampla das diferentes posições teológicas no campo das religiões. Na presente, vamos apresentar cada uma das grandes correntes que se têm dado ao longo da história, dentro do âmbito cristão. Trataremos de apresentar estas correntes de um modo histórico-genético.

Quase vinte séculos de EXCLUSIVISMO CRISTÃO...

Até meados do século XX, a posição teológica suprema no cristianismo tinha sido a do exclusivismo. É certo que numa história tão dilatada no tempo e tão extensa no espaço, não

é difícil encontrar pensadores e correntes eclesiais que apontam traços de uma concepção mais ampla da salvação. Merecem destaque especial Erasmo (1467-1536), Raimundo Lúlio (1232-1316), Nicolau de Cusa (1401-1464)... Mas o acento exclusivista pode ser assinado claramente como o que domina nesta história com um peso explícito e oficial angustiante.

A expressão simbólica máxima deste exclusivismo é constituída pelo famoso axioma: “extra ecclesiam

nulla salus” (fora da Igreja não há salvação). Atribuído por alguns ao pensador cristão Orígenes, e por outros a S. Cipriano, a formulação literal e aplicada ao tema parece ser de Fulgêncio, bispo de Ruspe, no século VI, enunciação que logo foi assumida pelo Concílio de Florença, em 1442, em seu decreto contra os jacobitas, cuja rotundidade e oficialidade merecem ser citadas aqui:

O Concílio de Florença (1442), afirmou “crer firmemente, professar e ensinar que nenhum daqueles que se encontram fora da Igreja Católica, não só os pagãos, mas também os judeus, os hereges e os cismáticos, poderão participar da vida eterna. *Irão ao fogo eterno que foi preparado para o diabo e para os anjos dele* (Mt 25,4), a menos que, antes do fim da vida, sejam incor-

porados à Igreja... Ninguém, por maiores que sejam suas esmolas, ou ainda que derrame o sangue por Cristo, poderá ser salvo se não permanecer no seio e na unidade da Igreja Católica” (Denzinger, 1352, p. 342).

A doutrina se manteve presente no catolicismo – apesar das citadas exceções – afirmada em mais alto nível. Para verificá-lo, já no final do século XIX, escutemo-lo dos lábios do papa Pio IX (1846-1878):

“... é ímpia e nociva a idéia de que o caminho da salvação eterna pode ser encontrado em qualquer religião. Certamente, devemos manter ser parte da fé que ninguém pode salvar-se fora da Igreja Católica, Apostólica, Romana, única arca da salvação, pois quem nela não entrar, perecerá no dilúvio. Todavia, devemos, da mesma maneira, defender como certo que aqueles que desconhecem a verdadeira fé, se essa ignorância for invencível, nunca serão por isso acusados de alguma culpa diante dos olhos do Senhor” (Pio IX, *Singulari Quadam*, (Particular, até certo ponto,) *Acta Pii IX (Atos oficiais de Pio IX)*, I, p.626).

Para os católicos, a doutrina era, definitivamente, muito clara: somente a Igreja Católica tinha sido instituída pelo Filho de Deus, somente ela era depositária da revelação e da salvação; qualquer outra religião, ou qualquer ramo que se tivesse separado da Igreja Católica estavam fora da verdade e da salvação. Só as pessoas que aceitassem este desígnio salvífico e aderissem à Igreja Católica visível alcançariam a salvação. Das pessoas que não formassem parte dela, apenas aquelas que não tivessem culpa disso poderiam salvar-se. Daí, seguia-se também a urgência da missão evangelizadora, para dar a conhecer a vontade salvífica de Deus e possibilitar aos que não a conhecessem poder incorporar-se à Igreja, como única

possibilidade de salvação. Assim, no campo católico, o exclusivismo, como modelo de teologia das religiões, é equivalente ao eclesiocentrismo: a Igreja se torna meio obrigatório, centro e porta da salvação.

No *campo protestante*, o exclusivismo tem uma versão não “eclesiocêntrica”, mas centrada tão-somente na Fé, na Graça, na Escritura. Fora delas também não há salvação.

Figura típica, símbolo importante da posição protestante é a de Karl Barth (1886-1968). Suas idéias fica-

lência de Deus, e, portanto, um desejo de manipular Deus.

A religião, assim entendida, seria, portanto, algo pecaminoso, no fundo, sinal de falta de fé. A salvação viria unicamente pela entrega do ser humano, mediante a fé, à graça que o próprio Deus oferece em Jesus Cristo. Somente a aceitação da graça de Deus, vinda por Jesus Cristo poderia salvar o ser humano (*La revelación como abolición de la religión*, Madri, 1973). Fora do cristianismo, considerado por ele como a religião perfeita e a única, tudo mais

on World Missions, Chicago, 1960, p.9, citado por John HICK, *God has Many Names*, p.30).

Com palavras diferentes, no caso dos católicos (o zelo pela salvação das almas, o apostolado para a conversão dos pecadores, o afã missionário para atrair os infiéis para a santa madre Igreja...), era a mesma visão exclusivista da salvação que dominou, preponderantemente, no cristianismo até meados do século XX, tanto no campo católico como no protestante.

Herança do exclusivismo

Trata-se de uma posição teológica que, hoje, foi praticamente abandonada pelo cristianismo como conjunto. Somente grupos fundamentalistas, alguns “novos movimentos religiosos” fanáticos e “seitas” religiosas marginais sustentam, hoje, uma posição exclusivista. O cristianismo, em sua maior parte, abandonou essa posição para passar ao inclusivismo, que estudaremos mais adiante.

Contudo, convém ponderar com atenção o que significou o inclusivismo e qual sua herança para nós, por várias razões:

a) porque todo o capital simbólico cristão que temos, atualmente, – herança da história judeu-cristã de mais de três milênios – foi gerado, compreendido e assimilado num ambiente de compreensão exclusivista. A linguagem, as referências, os símbolos... mostram-se, inevitavelmente, exclusivistas, embora, por outro lado, hoje, nos reconheçamos numa posição inclusivista. Esta é uma das “esquizofrenias” que se faz sentir com dor e que requereriam uma solução urgente.

(Continua no próximo número.)

José M. Vigil é missionário claretiano no Panamá. Um dos editores da Agenda Latino Americana. <http://servicioskoinonia.org/agenda>



Foto: Mesquita de Kong, Norte da Costa do Marfim.

ram célebres por causa de seu radicalismo teológico, apesar de não ser do setor fundamentalista protestante. Barth conceituava a “religião” como o esforço que a humanidade faz para buscar a Deus, tentativa a que ele contrapõe radicalmente o fato da revelação, pelo fato de que Deus “sai ao encontro gratuitamente” da humanidade. Na revelação, é Deus quem busca a Humanidade. Esta distinção foi a chave para Barth: as religiões todas, – menos a bíblico-cristã – seriam o esforço humano de captar a benevo-

seriam trevas e distanciamento de Deus.

A visão no mundo protestante era também profundamente pessimista. Todavia, em 1960, no *Congress on World Mission*, em Chicago, declarava: “Nos anos a partir da guerra, milhões e milhões de almas passaram para a eternidade, e mais da metade delas foram para o fogo do inferno, sem sequer terem ouvido falar de Jesus Cristo: quem foi ele, por que morreu na cruz do Calvário” (J. O PERCY (ed.), *Facing the Unfinished Task: Messages Delivered at the Congress*

A palavra é...

"A PALAVRA É..." PRETENDE SER PARA OS LEITORES DA REVISTA **AVE MARIA** UMA FONTE DE CATEQUESE.

Elaborado por Luís Erlin.

EM CADA NÚMERO, VAI-SE REFLETIR E CONHECER MELHOR O SIGNIFICADO DE PALAVRAS USADAS HABITUALMENTE E CUJO SENTIDO REAL E ORIGEM NEM SEMPRE SE SABE. SE O LEITOR TIVER DÚVIDA SOBRE ALGUM TERMO RELIGIOSO, ESCREVA-NOS. HOJE.

RECONCILIAÇÃO

Do latim, *reconciliatio* (onis) de *reconciliare*. Retornar; conciliar – união. Tornar a conciliar, a unir-se. Reatar uma amizade, com o perdão das faltas, voltar ao afeto antigo. Na tradição cristã, essa palavra se veste de um significado especial, reconciliar-se com Deus. A reconciliação é um dos sete sacramentos.

Esse sacramento é conhecido também como penitência ou confissão. “É chamado sacramento da reconciliação porque dá ao pecador o amor de Deus que reconcilia: ‘Reconciliai-vos com Deus’ (2Cor 5,20)” em *Catecismo da Igreja Católica* – 1424). O belo texto bíblico do Filho Pródigo, é a expressão máxima do amor do Pai que quer nos reconciliemos com Ele.

“A suposição aqui é que a principal meta deste sacramento, é a eliminação dos pecados e defeitos, suposição com a qual não concordo. O propósito principal deste sacramento é a reconciliação com Deus,



uma união mais profunda com Cristo, uma nova infusão do Espírito Santo. Assim, as disposições com as quais nos aproximamos deste sacramento são mais importantes do que a lista de pecados que confessamos e as graças que acabei de mencionar são mais importantes

do que a eliminação dos defeitos. Talvez Cristo deseje que tenhamos esses defeitos a vida toda, para que seu poder possa resplandecer em nossas fraquezas.” (Antony de Mello).

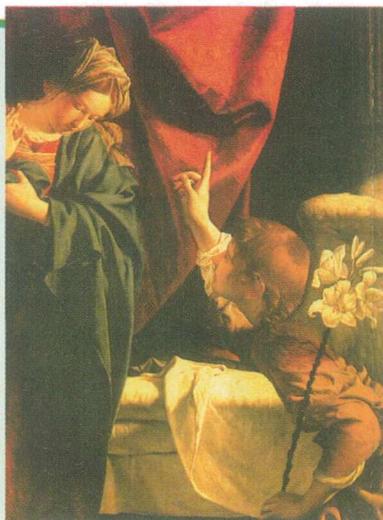
A fórmula da absolvição usada pelo sacerdote no sacramento da reconciliação geralmente é essa: “Deus, Pai de misericórdia, que, pela Morte e Ressurreição de seu Filho, reconciliou o mundo consigo e enviou o Espírito Santo para a remissão dos pecados, te conceda, pelo ministério da Igreja, o perdão e a paz. E eu te absolvo dos teus pecados, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Ritual do Sacramento da Penitência).

AVE

Do latim, segunda pessoa do singular (imperativo) do verbo *Avere*. Que significa: Bom dia! Deus te salve; Alegra-te. É uma saudação latina comum.

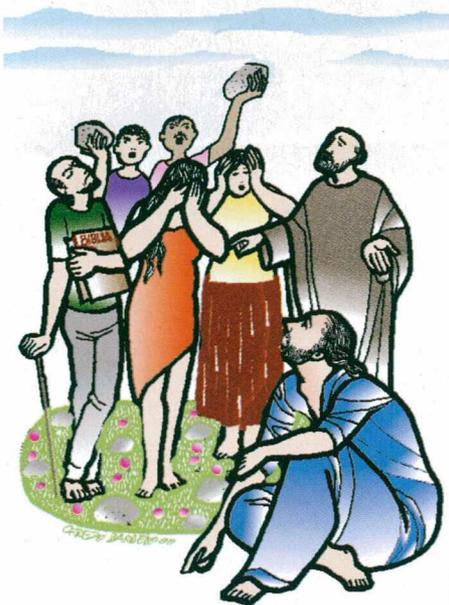
A popularidade desse termo se deu com a famosa saudação do anjo Gabriel à Virgem Maria: Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo (Lc 1,28).

“Ave, Maria (alegra-te, Maria). A saudação do anjo Gabriel abre a oração da Ave-Maria. É o próprio Deus, que por intermédio de seu anjo, saúda Maria. A nossa oração ousa retomar a saudação de Maria com o olhar que Deus lançou sobre sua humilde serva, alegrando-nos



com a mesma alegria que Deus nela encontra” (*Catecismo da Igreja Católica* – 2676). “Ave Maria/ nos seus andores/ rogai por nós os pecadores/ (...) cremos em vós/ Virgem Maria rogai por nós/ ouvi as preces, murmúrios de luz/ que aos céus ascendem/ e o vento conduz/ conduz a vós/ Virgem Maria, rogai por nós” (Jayme Redondo e Vicente Paiva).

“Ave, ávido./ Ave, fome incansável e boca enorme./ come./ Da parte do Altíssimo, te concedo/ que não descansarás e tudo te ferirá de morte./ o lixo, a catedral e a forma das mãos./ Ave, cheio de dor” (*Anunciação ao poeta* – Adélia Prado).



Jesus não condena ninguém!

5.º domingo da Quaresma
28 de março

INTRODUÇÃO

Há poucos meses, a opinião pública foi positivamente surpreendida com a reação de uma senhora que, embora tendo perdido as duas pernas, num desastre no mar, só tinha palavras de esperança, voltadas para o futuro!

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Is 43,16-21

Isaías falou o mesmo, no sentido espiritual: *Deixai de recordar os acontecimentos antigos, não fiqueis pensando mais nas coisas do passado, pois eu vou realizar uma coisa nova...*

Batizados em Cristo, somos a novidade de Deus. Por fraqueza, porém, esquecemo-nos de que a salvação, conquistada por Cristo na cruz, apresenta-se com um caráter inusitado, contrário ao “fermento” do mundo.

Por força desse esquecimento, ou porque, infelizmente, já nos “habitua-mos” a ser cristãos, damos constantes contratestemunhos. Limitamo-nos à prática externa de ir à missa e até comungar, aos domingos... Limitamos

LITURGIA DA PALAVRA

Elaborada por Adelino Dias Coelho. Ilustrações de Cerezo Barredo, cmf.

Coloridas por Sheine Rodrigues Silva.

nossa religião a práticas externas (novenas, terços, velas, etc.) distraídos, esperando por uma realização mágica de nossos desejos.

Basta, por exemplo, que morra um parente, que surja uma doença grave em nossa casa, ou que fiquemos sem emprego para quer desabe toda a nossa espiritualidade. Então, nosso comportamento e nossas palavras de revolta mostram quão superficial era nossa fé. Debalde, o Senhor nos fala: *vou realizar uma coisa nova, em tua vida, que já está começando a aparecer: não a reconheces?* É preciso abrir os olhos do espírito para ver as coisas novas de Deus.

2.ª leitura Fl 3,8-14

Paulo nos pede um contínuo esforço para nos mantermos “em forma”, de modo a atingirmos a meta. Qual meta? — Ganhar a Cristo e ser achado nele, não com a santidade (externa) da Lei, mas com a santidade (de coração) que vem de Deus, apoiada na fé verdadeira.

E dá seu testemunho: *irmãos, eu não julgo que eu mesmo tenha alcançado (o conhecimento da ressurreição de Cristo), mas uma coisa faço: esquecendo-me do que ficou para trás e avançando para o que está adiante, prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação do alto, que vem de Deus, em Cristo Jesus.*

É difícil romper com o passado, de uma hora para outra. Imaginemos como é difícil renunciar ao modo de pensar que assimilamos desde a infância, segundo o qual consideramos lógico, normal e certo acumular bens materiais e administrá-los sem remorsos, buscar vantagens para nós mesmos, competir com os outros em vez de servi-los, guardar rancor pelas desfeitas recebidas, gozar a vida sem qualquer preocupação pelas necessidades dos demais.

Mas, no fundo de nosso coração, bem sabemos que tais atitudes não são compatíveis com a nova vida que Cristo nos pediu.

Evangelho Jo 8,1-11

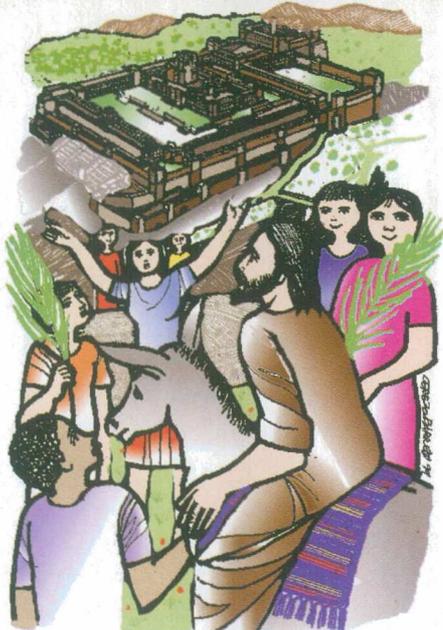
O farisaísmo é a doença de quem não se olha no espelho da consciência. Todo rosto tem rugas e, por detrás de uma face maquiada, ocultam-se, muitas vezes, manchas escuras. O que fazemos? Em vez de aceitá-las, escondemos o espelho para não as ver e, assim, pensamos que desapareceram.

Assim, participamos de campanhas contra a prostituição, para que as ruas estejam “limpas”; marginalizamos os drogados, para que não possam censurar a nossa inutilidade. Ficamos satisfeitos com a construção de novos presídios de “segurança máxima”, para dizermos a nós mesmos que fizemos o possível... Mas não nos peçam para ajudar na solução dos problemas! A satisfação de lançar a pedra contra os que erram nos faz esquecer dos nossos defeitos (talvez até piores), liberta-nos de nossa responsabilidade e do sentimento de culpa.

Mas isso não acontece somente em grande escala. É coisa de todos os dias dizermos que não somos como a vizinha, ou como o colega de trabalho. O desprezo que lhes damos é, para Cristo, acusação para nós, e seu sofrimento se torna sofrimento de Cristo, como o foi o da mulher adúltera.

REFLEXÃO

Estamos com a fé bem atenta para ver as novidades de Deus em nossa vida? Nosso comportamento é coerente com nosso batismo? Valerão para nós as palavras de Cristo: *Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e, depois, enxergarás para tirar o argueiro do olho de teu irmão (Lc 6,42)?* ■



Domingo de Ramos

4 de abril

INTRODUÇÃO

O que dá sentido de salvação à morte de Jesus é o imenso amor com que doa sua vida para nos libertar da violência, do ódio, do orgulho, enfim, para tornar-nos, a seu exemplo, disponíveis a Deus e aos outros.

1.ª leitura Is 50,4-7

Os profetas lembram-nos que Deus só aceita nossas ofertas e sacrifícios se acompanhados de uma atitude interior de humildade, de reconhecimento da própria e radical pobreza e da necessidade de uma libertação que sozinhos não podemos obter, mas podemos pedir a Deus, confiadamente. A pobreza (não necessariamente a falta de dinheiro) é, pois, o sacrifício espiritual, isto é, a realidade profunda de toda oferta e imolação.

Esta é a atitude do Servo de Javé (figura do Cristo sofredor), descrita nesta leitura. Enviado para salvar seu povo, suporta perseguições e ultrajes; aceita-os, entretanto, com paciência e mansidão, sabendo que Deus o salvará sempre.

Esse despojamento interior é que nos é pedido também, quando somos provados pelo sofrimento, físico ou es-

LITURGIA DA PALAVRA

piritual. A conseqüente entrega nas mãos de Deus será fruto de nossa fé num Deus que nunca nos abandona.

Espontaneamente, nossa piedade se volta para Nossa Senhora, no momento da anunciação do Senhor. Ela é o grande modelo de aceitação da vontade de Deus. Esvaziou-se de si para que Deus pudesse inundá-la com sua presença. Quando chega a hora de Deus, os exemplos do Servo de Javé (Jesus), e de Maria Santíssima deverão nos servir de apoio e de força para aceitarmos o transtorno de nossos planos e o redirecionamento de nossa vida.

2.ª leitura Fl 2,6-11

Como eco da 1.ª leitura, Paulo escreve que Jesus, ao encarnar-se, abandonou toda a sua grandeza divina e apareceu aos nossos olhos na humildade e na fraqueza do homem e assumiu a condição de servo. Por isso, Deus o exaltou. Ora, para que reine a humildade, o amor e a concórdia entre nós, é necessário termos os mesmo sentimentos que Jesus Cristo, *para que escutemos, como discípulos, a vontade do Senhor* (Is 50,4).

Na encarnação, Jesus fez sua nossa pobreza perante Deus, ligada à nossa condição de criaturas. Por isso, não fugiu da condição humana e quis morrer como acontecerá a todos nós. Aceitou ser vítima da intolerância e da injustiça, uma vez que tinha ofertado ao Pai a sua vida para que nós fôssemos salvos do pecado.

A glória de Jesus, portanto, vem de sua obediência humilde à vontade do Pai, da sua generosa doação pela salvação da humanidade! O Pai ressuscitou-o e estabeleceu-o como modelo para todos os homens e lhe deu o poder e o domínio sobre todas as criaturas.

Evangelho Lc 22,14 — 23,56

Embora Lucas não tenha sido testemunha ocular dos acontecimentos

da vida de Jesus, seu evangelho é digno de crédito por causa do cuidado que teve em documentá-lo. O roteiro seguido pelos quatro evangelistas é, fundamentalmente, o mesmo, mas cada um evidenciou mais os temas que interessavam a suas respectivas comunidades. Vejamos alguns:

Jesus intervém e censura severamente Pedro por seu gesto precipitado de cortar a orelha direita do servo do sumo sacerdote. Ensina-nos que, na verdade, ninguém é nosso inimigo. Pois, o inimigo é aquele que tem que ser destruído e, em nós, cristãos, pelo contrário, devemos encontrar apoio para crescer como pessoa, para poder libertar-nos das nossas escravidões.

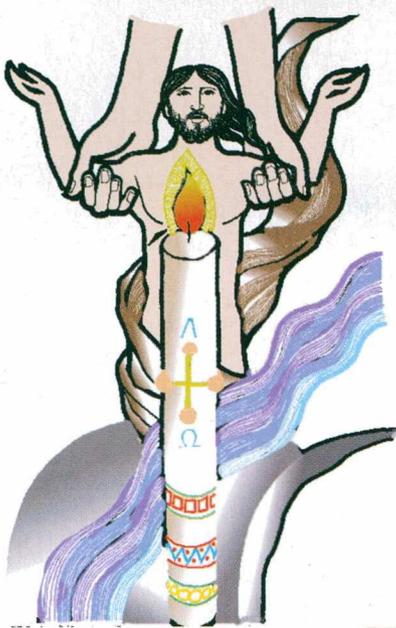
Só Lucas registra que o Senhor voltou-se e olhou para Pedro, depois deste ter negado que o conhecia. Quer ensinar-nos que não nos devemos desencorajar diante das fraquezas e dos pecados. Jesus é muito compreensivo e a todos dirige um olhar misericordioso e cheio de amor.

Lucas é o único evangelista a registrar que Jesus, alguns instantes antes de exalar o último suspiro, ainda teve energia para dizer: *Pai, perdoai-lhes este pecado, porque não sabem o que fazem*.

Podemos afirmar, portanto, que Lucas, ao narrar sua paixão, quis nos propor a bondade e a misericórdia de Jesus como exemplo.

REFLEXÃO

Na hora da dor (doença, morte, desemprego), sabemos perceber a mão de Deus que nos muda os planos? A exemplo de Jesus, que desceu de Deus para nós, homens, e, entre os homens, até o mais pequenino, buscamos os últimos lugares? Estamos dispostos a seguir Cristo, tomar a cruz de todos os dias e doar a própria vida pelos irmãos? ■



“Por que procurais entre os mortos, quem está vivo?”

Páscoa do Senhor
11 de abril

INTRODUÇÃO

Jesus está vivo, é real. A mensagem profunda da ressurreição — não procurar entre os mortos, quem está vivo — acontece, em nosso dia-a-dia, diante dos sinais de morte. Como cristãos, distinguimo-nos dos demais por nossa esperança na vida.

1.ª leitura At 10,34a.37-43

Pedro, em seu discurso, acentua que poucos, talvez, estivessem realmente conscientes de que tudo aquilo em que acreditavam se resumia na intervenção de Deus que, em Cristo, derrotou a morte.

Também agiremos como cristãos, de fato, na medida em que vivermos como ressuscitados, lutando contra os sinais da morte: o ódio, o rancor, a inveja, a opressão dos outros, a injustiça.

“Não alimentemos, em nossos corações, ódio contra os outros.” A frase pode parecer forte e, por isso, acharmos que não é o nosso caso. Mas, se

examinarmos mais profundamente nosso relacionamento, sobretudo em casa com nossos filhos e filhas, esposo ou esposa, talvez descobramos sinais de morte em nossas reações: desprezamos os que não têm os mesmos gostos que nós, não nos dispomo nem a ouvi-los; criamos-lhes toda a espécie de dificuldades e usamos nossa autoridade para lhes impor nossa opinião e reservar-nos, sempre, a última palavra.

2.ª leitura Cl 3,1-4

Por que vivo e por que devo morrer? De onde venho e para onde vou? Somente Cristo, morto e ressuscitado, tem a resposta convincente a essas perguntas.

Por nossas obras de dedicação, perdão, diálogo e abertura — que nada mais são que outros nomes do amor — mostraremos se aceitamos, ou não, o convite de Paulo: *Se ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto* (v.1), ou seja, abandonando as atitudes de morte: violência, rancor, inveja, luxúria... Para estas coisas nós morremos. Quando Cristo ressuscitado se manifestar em nossa vida, sua luz transparecerá através de nossas boas obras.

Não é isso que percebemos na vida de qualquer pessoa que atingiu a santidade? Criaturas, às vezes, frágeis, com insuficiência de meios, realizaram maravilhas de caridade, porque aceitaram morrer para o pecado e *ter sua vida escondida com Cristo, em Deus*. Suas boas obras são uma manifestação da vida nova do Ressuscitado e sinal de sua presença.

Evangelho Jo 20,1-9

No versículo 9º, João explica: *ainda não haviam entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dentre os mortos*.

Também, em nossos dias, há situa-

ções e lugares nos quais a morte parece dominar soberana e o silêncio celebrar a vitória. O poder, o princípio da força, a discriminação, a injustiça, o fermento da astúcia parecem, às vezes, esmagar as forças da vida, e nós nos vemos fracos e impotentes diante do aparente triunfo do mal. Tal reação, porém, não é compatível com a fé no Ressuscitado.

Jesus aparece a Maria Madalena, premiando sua constância. Esta, ao contrário dos desanimados discípulos que voltaram logo para casa, permaneceu junto ao sepulcro, buscando o corpo de Jesus.

Como os escravos, as crianças, os pastores, a mulher não era considerada pela sociedade judaica testemunha confiável.

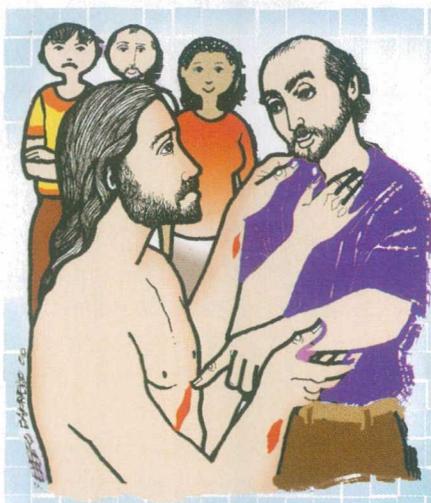
Deus manifestou, assim, o primeiro sinal da revolução social que a ressurreição de Cristo iria provocar. Escolheu justamente uma mulher para transmitir aos outros que Jesus tinha ressuscitado. Ou seja, sua mensagem queria significar que os sinais de morte: preconceito, egoísmo, prepotência e opressão deveriam ser vencidos pelos que o seguiam.

E em nossa vida, que sinais demonstram nossa fé em Jesus, vencedor da morte do preconceito e da exclusão? Ainda achamos que lugar da mulher é na cozinha e no tanque?

Se somos casados, vencemos nossa comodidade e ajudamos nossa esposa nos cuidados com os filhos e com o serviço doméstico?

REFLEXÃO

Diante da nova vida do Ressuscitado, mantemos os sinais de morte em nossa vida? Deixamo-nos ainda prender a preconceitos? Como Madalena, permanecemos constantes na oração, mesmo quando, aparentemente, parece estar tudo perdido? ■



Testemunhas de Jesus ressuscitado

2.º domingo da Páscoa
18 de abril

INTRODUÇÃO

É vendo nossas boas ações que se poderá constatar, com clareza, que Cristo ressuscitou e que seu Espírito, de fato, atua no mundo.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura At 5,12-16

Assim como os apóstolos, agora somos convidados a apresentar novamente ao mundo as obras de Jesus ressuscitado. Não é necessário termos o poder de fazer milagres para estar em condições de vencer todas as formas do mal. É suficiente usarmos para o bem as imensas capacidades que o bom Deus comunicou a cada um de nós.

Neste mesmo capítulo, nos versículos 38 e 39, Lucas registra o ajuizado argumento de um doutor da lei, muito respeitado pelo povo, chamado Gamaliel, sobre as ações dos apóstolos: *Se suas obras provêm de homens, por si mesmas se destruirão; mas se provierem de Deus, não podereis desfazê-las!*

Será que, verificando-se nossas ações junto à nossa família, a maneira como tratamos nossa esposa, nosso esposo, o modo pelo qual educamos nossos filhos e o tempo que lhes dedicamos, poder-se-á reconhecer que Jesus está vivo? Ou será que nossas orações, nossas boas obras são mera hipocrisia!? Ou seja, rezamos, fazemos caridade, vamos à missa e até comungamos apenas para aparecer?

Na época de Jesus, havia judeus que rezavam em praça pública só para os outros verem como eram piedosos. Davam esmolas diante das outras pessoas para fazer alarde de sua caridade. Mostravam seu rosto abatido e triste para que se perceberesse que haviam jejuado. Eram os escribas e fariseus. Escrevendo sobre eles, Mateus — que fora publicano e muito bem os conheceu —, captou esta frase de Jesus: *Se vossa justiça (santidade) não for maior que a dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino dos céus* (5,20).

2.ª leitura Ap 1,9-11a.12-13.17-19

Em meio a perseguições, ordenadas pelo imperador romano, João, já prisioneiro, tem a visão de um homem no meio de sete candelabros, vestindo longa túnica branca até os pés, cingido com um cinto de ouro.

O Filho do Homem é o Senhor ressuscitado. A longa túnica, veste dos sacerdotes no templo, significa que Jesus é, agora, o único sacerdote. O cinto de ouro que traz é o símbolo da realeza. Jesus, portanto, é apontado como o único rei. Os sete candelabros representam o conjunto das comunidades cristãs.

O Senhor ressuscitado, e não o imperador, é quem era o centro da adoração. Jesus é o rei que conduz e governa todas as comunidades com a sua palavra. Ele é o único sacerdote que, ao ter dado a própria vida por nós, ofereceu o único sacrifício agradável a Deus.

Nossa comunidade a quem adora?

Ao Ressuscitado? Que palavras ouviu? A palavra de Deus ou outras?

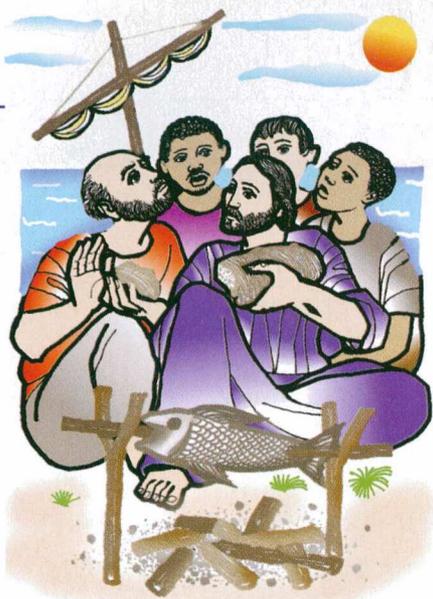
Evangelho Jo 20,19-31

Jesus ressuscitou e está entre nós, tanto hoje como quando apareceu e se pôs no meio dos discípulos. Aquele seu gesto marcou, desde então, sua presença junto a seus seguidores, cumprindo o que nos dissera sobre a oração em comum: *Porque onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei eu no meio deles*. Isso, porém, não desmerece as condições que Jesus propusera sobre a maneira correta de rezar: *os verdadeiros adoradores não adoram o Pai em espírito e verdade e são esses adoradores que o Pai deseja*. Essa condição fundamental vale também para a oração em comum. As igrejas, as cerimônias, as práticas religiosas só subsistem para desenvolver a verdadeira adoração em espírito, que é o fundamento da religião.

Freqüentemente, nossas reuniões dominicais são sem atrativo, deixamos dominar pelo tédio e não vemos a hora de elas acabarem. Parecemos um grupo de pessoas que permanece na igreja, obrigado. Se não houver em nós uma descoberta da necessidade profunda de encontro, a reunião deixa de ser para nós sinal da presença do Senhor ressuscitado, que é quem comunica e imprime à assembléia seu dinamismo, sua alegria, sua vitalidade irradiante de testemunho. É o regime da fé, contraposto ao da visão, como aconteceu no episódio de Tomé.

REFLEXÃO

Como testemunhar para os outros que Jesus está vivo e que cremos nisso? Por acaso, nossas orações e obras serão fingidas? Procuramos estudar a liturgia para que os sinais sagrados sejam mais bem compreendidos? ■



Da “margem”, Jesus nos orienta

3.º domingo da Páscoa
25 de abril

INTRODUÇÃO

Cristo ressuscitado vive agora com o Pai, mas não nos abandonou. Continua presente, orienta-nos a vida e as atividades com sua Palavra. Quando seguimos suas orientações, sempre alcançamos resultados extraordinários.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura At 5,27b-32.40b-41

Sempre daremos aborrecimentos aos que defendem situações injustas, incompatíveis com o Evangelho, como as tradições intoleráveis, prejudiciais à dignidade do homem e da mulher; a violação dos direitos humanos; o preconceito racial; a opressão contra os mais fracos; e as injustiças, em qualquer lugar, contra quaisquer pessoas.

Os apóstolos escolheram obedecer a Deus mais do que ao sumo sacerdote e seus partidários e, por isso, foram maltratados. Em conformidade com a palavra de Jesus, alegraram-se na tribulação: *Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, vos*

expulsarem, vos ultrajarem, e, quando repelirem o vosso nome como infame por causa do Filho do homem! Mas o evangelista Lucas, no mesmo capítulo 6º, acrescenta, logo, estas outras palavras do Mestre: *Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, abençoai os que vos maldizem e orai pelos que vos injuriam* (6,22-28). É que a paz é o sinal evidente da presença do Espírito Santo.

2.ª leitura Ap 5,11-14

Por incrível que pareça, em nome do próprio Evangelho, às vezes, erguemos um muro de separação, tornando-nos intolerantes com aqueles que não o aceitam. Há um certo modo de apresentar a mensagem de Cristo que corta toda comunicação e está em contradição direta com o respeito que se pretende prestar aos que não crêem.

O trecho da visão de João, narrada no Apocalipse, é bem diferente dessa aberração, ao narrar a entronização de Cristo ressuscitado. É todo o universo que lhe tributa adoração. Porque todas as criaturas foram libertadas da escravidão do pecado.

Quando eram utilizadas pelo homem para o mal, eram escravas, não serviam à finalidade para a qual tinham sido criadas por Deus. Só depois que o sacrifício do Cordeiro transformou o coração do homem, elas estão a serviço do bem. É o que acontece conosco?

Evangelho Jo 21,1-19

Duas preocupações dominam este trecho: o esforço em descrever a aparição de Jesus, de modo a dar a perceber a sua realidade, e a delegação dos poderes de Cristo a Pedro, através da imagem do pastor.

Jesus não estava na barca! Já tinha alcançado a terra firme, situação definitiva, para a qual estavam se dirigindo também os discípulos. Mas ouviram sua Palavra e a puseram em

prática. O resultado foi estupendo!

Mas não foi fácil para eles aceitar esse árduo caminho de fé a ser percorrido e compreender que o Mestre estava mais perto deles do que antes.

Nós também devemos entender que Jesus, embora estando na “margem”, isto é, na glória do Pai, está sempre conosco, todos os dias. A fé nos conduz à certeza de que ele continua fazendo ouvir a sua voz, chamando-nos, falando-nos, indicando-nos o caminho a seguir. Se nos deixarmos guiar por ela, na meditação atenta da Bíblia, Deus operará também maravilhas em nossa existência.

Do Apóstolo Pedro, como de todos nós, exige a entrega da própria vida em favor dos outros. Ele que tinha recebido do Senhor Jesus a missão de presidir a comunidade, deveria ser o primeiro e o mais generoso na doação de si mesmo, no serviço dos irmãos.

Sabemos que não foi fácil para o primeiro Papa entender e aceitar esta proposta. Com Jesus, aprendeu a vencer sua aversão à cruz e a amar a doação da própria vida.

Como Pedro, somos chamados a entregar a própria vida em favor dos outros, participando por exemplo, da educação dos filhos, do trabalho em casa.

Seguindo seus passos, temos de vencer o egoísmo, não nos furtando aos serviços mais humildes na comunidade em que Deus nos colocou. Se temos o papel de chefia, devemos ser os primeiros e os mais generosos nessa doação de nós mesmos.

REFLEXÃO

Os membros de nossa comunidade obedecem a Deus ou aos homens? Há os que se deixam influenciar pelo medo ou aceitam algum “arranjo” com as autoridades? Abrimo-nos, de fato, à voz do Ressuscitado? ■

LEITURAS SEMANAIS DAS MISSAS DE ABRIL

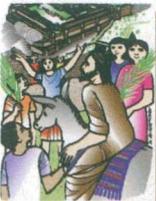


5ª SEMANA DA QUARESMA

1.º - quinta: Gn 17,3-9 = Abraão, pai de uma multidão. Sl 104. Jo 8,51-59 = Abraão viu o meu dia, e ficou cheio de alegria.

2 - sexta: Jr 20,10-13 = O Senhor está comigo: meus perseguidores não vencerão. Sl 17. Jo 10,31-42 = Jesus escapa dos que o queriam apedrejar.

3 - sábado: Ez 37,21-28 = Deus reunirá seu povo. Cânt.: Jr 31,10-13. Jo 11,45-56 = Jesus vai morrer para unir os filhos de Deus.



SEMANA SANTA

5 - segunda: Is 42,1-7 = Eis meu servo que eu amparo. Sl 26. Jo 12,1-11 = Jantar em Betânia e unção dos pés de Jesus.

6 - terça: Is 49,1-6 = O Senhor chamou-me desde o meu nascimento. Sl 70. Jo 13,21-33.36-38 = Jesus anuncia a traição dos seus.

7 - quarta: Is 50,4-9a = Deus vem em meu auxílio. Sl 68. Mt 26,14-25 = Traído, o Filho do homem vai...

8 - quinta: Ceia do Senhor. Ex 12,1-8.11-14 = Ceia do cordeiro pascal. Sl 115. 1Cor 11,23-26 = Nova ceia pascal. Jo 13,1-15 = Jesus lava os pés dos apóstolos.

9 - sexta: Paixão do Senhor. Is 52,13 — 53,12 = Paixão e glória. Sl 30. Hb 4,14-16; 5,7-9 = Jesus, passou pelas mesmas provações que nós. Jo 18,1—19,42 = Paixão de Jesus.

10 - sábado: Vigília Pascal. Ex 14,15 — 15,1 = Passagem do mar Vermelho, isto é, do pecado à graça. Sl 41. Rm 6,3-11 = Morte e vida com Jesus Cristo. Sl 117. Lc 24,1-12 = Ressurreição.



SEMANA DA OITAVA DA PÁSCOA

12 - segunda: At 2,14.22-33 = Pedro: Jesus, que vós matastes, Deus o ressuscitou! Sl 15. Mt 28,8-15 = Aparição às mulheres.

13 - terça: At 2,36-41 = Jesus, que crucificastes, Deus o constituiu Senhor e Messias. Sl 32. Jo 20,11-18 = Aparição a Madalena.

14 - quarta: At 3,1-10 = Pedro a um coxo: em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda! Sl 104. Lc 24,13-35 = A caminho de Emaús.

15 - quinta: At 3,11-26 = Pedro: matastes o autor da vida, mas Deus o ressuscitou. Sl 8. Lc 24,35-48 = Aparição aos onze.

16 - sexta: At 4,1-12 = Pedro: Jesus, pedra por vós desprezada, tornou-se pedra angular. Sl 117. Jo 21,1-14 = Aparição aos discípulos, na Galiléia.

17 - sábado: At 4,13-21 = Pedro e João: não podemos deixar de falar! Sl 117. Mc 16,9-15 = Jesus ressuscitado envia os Onze em missão.

2ª SEMANA DA PÁSCOA

19 - segunda: At 4,23-31 = Senhor, realizai prodígios em nome de Jesus! Sl 2. Jo 3,1-8 = Nascer de novo.

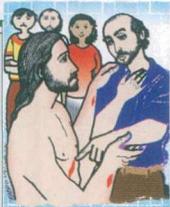
20 - terça: At 4,32-37 = Com coragem, davam testemunho da Ressurreição. Sl 92. Jo 3,7b-15 = Jesus a Nicodemos: dizemos o que sabemos.

21 - quarta: At 5,17-26 = Segunda prisão e libertação dos apóstolos. Sl 33. Jo 3,16-21 = Jesus a Nicodemos: Deus entregou ao mundo o seu Filho único.

22 - quinta: At 5,27-33 = Pedro e os apóstolos: Deus ressuscitou Jesus, que vós matastes. Sl 33. Jo 3,31-36 = Quem crê no Filho, tem vida eterna.

23 - sexta: At 5,34-42 = Contentes de sofrer afrontas pelo nome de Jesus! Sl 26. Jo 6,1-15 = Multiplicação dos pães: este é verdadeiramente o profeta.

24 - sábado: At 6,1-7 = Eleição dos primeiros diáconos. Sl 32. Jo 6,16-21 = Jesus anda em cima da água.



3ª SEMANA DA PÁSCOA

26 - segunda: At 6,8-15 = Prisão de Estêvão, testemunha de Jesus de Nazaré. Sl 118. Jo 6,22-29 = O alimento eterno consiste em crer naquele que Deus enviou.

27 - terça: At 7,51 — 8,1a = Martírio de Estêvão: viu Jesus de pé à direita de Deus. Sl 30. Jo 6,30-35 = O pão de Deus é o que desce do céu e dá vida.

28 - quarta: At 8,1b-8 = Dispersão da comunidade e pregação do Evangelho. Sl 65. Jo 6,35-40 = Quem crer no Filho terá a vida eterna, e eu o ressuscitarei.

29 - quinta: At 8,26-40 = Conversão e batismo do ministro etíope. Sl 65. Jo 6,44-51 = Quem crê, tem a vida eterna.

30 - sexta: At 9,1-20 = Conversão e batismo de Saulo. Sl 116. Jo 6, 52-59 = Quem come o meu corpo e bebe o meu sangue, ressuscitará.



Trocando idéias

Falar com o outro implica aceitação de si e do outro!

Wimer Botura Jr.

(Continuação)

Existem muitas formas de se falar com as pessoas, embora isto não garanta que haja um diálogo. Na relação dos pais com os seus filhos adolescentes, por exemplo, isto fica bem claro, pois os adultos geralmente acreditam que dialogar com os jovens é simplesmente fazê-los pensar como os adultos acham que pensam. Pensar é um processo mais complexo que simplesmente expressar uma idéia preconceituosa, submissa às crenças. Os adultos não estão pensando quando atuam submetidos às crenças, estão apenas repetindo informações.

Na verdade, dialogar significa trocar idéias e não fazer o outro obrigatoriamente mudar de opinião. Os adultos, com pouco senso crítico e sem consciência de sua imaturidade e insegurança, tentam impor aos mais novos seus preconceitos e frustrações. Da sexualidade até a escolha da profissão, interferem na vida dos jovens, tentando provar que o mundo do adulto é o correto e os jovens devem se transformar para se enquadrar nele. As evidências oriundas das pesquisas em história, antropologia, sociologia, psicologia, medicina, direito, geografia, economia, entre outras, não fornecem subsídios para acreditar que os adultos saibam o que é melhor para si e para os seus filhos. Portanto, ao tentar um diálogo com a intenção de fazer com que o jovem mude de idéia, o adulto na realidade está enganando o jovem, como foi enganado pelos pais, e seus pais pelos deles, e assim por diante.

Conheço um pai, até aparentemente esclarecido, que não deixou

seu filho cursar psicologia, pois achava que esta era uma profissão para mulheres e homossexuais. Seu filho hoje é um engenheiro civil frustrado. Pior, este pai acha que dialogou com o garoto, mas na verdade tinha verdadeiro pavor que seu filho fosse um homossexual, como se a escolha de uma pro-

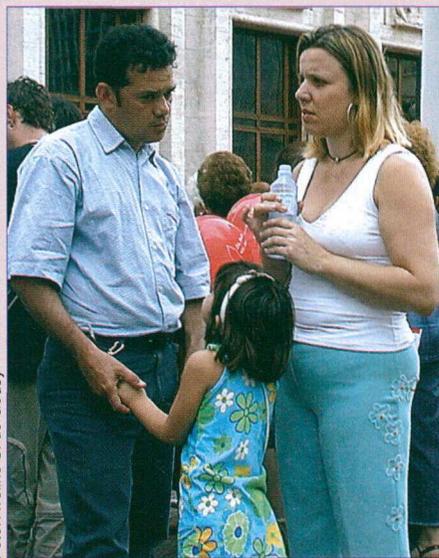


Foto: Avelino S. de Godoy

fissão definisse a sexualidade das pessoas. Este pai perdeu a chance de ter um filho amigo, com quem pudesse trocar, ensinar e aprender. Falou muito para o outro, mas não com o outro. Mais do que isto, falou com outros que sequer estavam presentes na situação familiar: falou com os amigos machistas e não com o filho.

Diga-se de passagem, este pai precisaria rever o conceito de amizade, pois se amigo é aquele de quem se teme o julgamento, jamais ele exercerá livremente sua própria vida, e sim perseguirá as verdades e posturas dos outros. O que este pai mais levou em conta, ao envolver o filho nos seus argumentos

que o levaram a escolher uma carreira diferente da que ele realmente desejava, foi a opinião preconceituosa de seus amigos e os seus próprios preconceitos, portanto, jamais conversou com o filho e sim com aqueles que formaram sua opinião preconceituosa. Provavelmente, estas pessoas que o influenciaram já teriam mudado de opinião, outras até morrido, outras até teriam estudado psicologia. A realidade pode ser totalmente diferente do que pensava este pai.

Portanto, falar com outro não é uma coisa tão fácil assim, apesar de ser a melhor forma de troca numa relação. Falar com o outro implica aceitação de si e do outro, mesmo com a possibilidade de não haver aceitação das idéias do outro ou mesmo das suas. A dificuldade maior desse diálogo está estampada na relação homem-mulher, em que as pessoas são incapazes de se chamar pelo nome e se tratam como garota, cara, guria, benzinho, paizinho, mãezinha, etc. Para nós ainda é muito difícil estar em frente de alguém e se deixar conhecer.

Deixar um assunto evoluir significa que podemos chegar a intimidades, o que parece uma ameaça, pois a intimidade permite que o outro nos conheça e descubra o embuste que nos consideramos. Grande parte das pessoas tem este tipo de crença. De alguma forma, todos nós somos uma espécie de embuste, pois não atingimos aquilo que foi idealizado para nós. 
(Continua na próxima edição)

Wimer Bottura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro: *Agressões silenciosas*, Ed. O.L.M., SP.

Vamos cozinhar?!



Entrada SALADA COLORIDA



Ingredientes:

1 pé de alface lisa, 1 pé de alface crespa, 1/2 repolho roxo, 50 g. de queijo tipo provolone, 50 g. de queijo tipo prato, alguns filés de anchova no azeite, algumas azeitonas verdes sem caroço, alguns rabanetes, azeite, vinagre, sal, pimenta-do-reino.

Modo de preparar:

1. Limpe bem os alfaces e o repolho, corte em tirinhas e ponha numa saladeira.
2. Corte os queijos em quadradinhos e junte, adicione as anchovas picadas, as azeitonas cortadas em rodelinhas e os rabanetes cortados em quatro. Misture bem e deixe na geladeira por meia hora.
3. Prepare um molho, misturando azeite, vinagre, sal e pimenta-do-reino a gosto. Só tempere a salada na hora de ir à mesa.

Prato principal PICADINHO DE CARNE COM MILHO VERDE

Ingredientes:

- 1/2 kl de carne
- sal e limão
- 2 colheres/sopa de margarina
- alho socado e 1 cebola ralada
- 2 ou 3 tomates sem peles e sementes
- salsa, cebolinha e azeitonas picadas



Creme de milho:

- 1 lata de milho verde
- 2 1/2 copos de leite
- 1 colher/sopa de margarina
- 1/2 pacote de queijo parmesão ralado
- 3 gemas
- sal
- 3 colheres/sopa rasas de maizena, mussarela ou queijo prato.



Modo de preparar:

1. Tempere 1/2 kl de carne com sal e limão e deixe repousar por meia hora.
2. Faça um refogado com 2 colheres/sopa de margarina, alho socado e 1 cebola ralada, 2 ou 3 tomates sem peles e sementes.
3. Junte a carne e refogue bem. Assim que estiver solta, junte salsa e cebolinha picadas e azeitonas também picadas.
4. Mexa rapidamente, prove sal e temperes e espalhe em um prato refratário de tamanho médio.

Modo de preparar:

1. Misture o leite a maizena e as gemas, passe pela peneira, tempere com sal e leve ao fogo mexendo sempre até engrossar. Junte o milho bem escorrido e mexa mais uns 3 minutos.
2. Junte uma colher/sopa de margarina e o queijo ralado. Mexa bem, espalhe sobre a carne, cubra com a mussarela e leve ao forno quente, apenas para derreter o queijo. Sirva na mesma forma acompanhado de arroz branco.

Sobremesa PUDIM DE QUEIJO

Ingredientes:

- 1/2 litro de leite
- 10 colheres de sopa /açúcar
- 5 ovos
- 4 colheres de queijo parmesão, ralado



- 1 colher/sopa de farinha de trigo
- 1 pitada de sal

Modo de preparar:

1. Bater as claras em neve. Colocar as gemas, o açúcar e o restante dos ingredientes, sendo por último, o queijo ralado.
2. Forma caramelizada. Assar em banho maria.



ALFACE é uma folha que tem quantidades razoáveis de vitamina A, Niacina, C e também os minerais Cálcio, Fósforo e Ferro. A vitamina A é um elemento importante para o bom funcionamento dos órgãos da visão, conserva a saúde da pele e das mucosas; a vitamina Niacina evita problemas de pele, do aparelho digestivo e do sistema nervoso; e a vitamina C dá resistência aos vasos sanguíneos, evita a fragilidade dos ossos e má formação dos dentes, age contra infecções e ajuda a cicatrizar os ferimentos. O Cálcio e o Fósforo participam da formação dos ossos e dentes, ajudam na coagulação do sangue e na construção muscular, e o Ferro contribui para a formação do sangue.

Meus pés no riacho...

Turma da Maíra



Os pequenos riachos

Nas grandes cidades, quase já não podemos ver riachos e córregos. Mas isso não significa que eles não estejam aí: simplesmente estão canalizados, isto é, por cima deles, há grandes canos e cimento, mas eles continuam correndo sob a cidade... quietinhos, calados.



Em muitas cidades, ainda encontramos córregos abertos, riachos e rios que podemos ver. No entanto, por incrível que pareça, muitas pessoas e empresas os tratam como verdadeiras lixeiras, jogando neles toda espécie de detritos. Alguns ainda chegam a acreditar realmente nisso, chamando-os simplesmente de "esgoto" ao invés de rio!

Pessoas e empresas, assim, não fazem idéia da maravilhosa importância dos córregos, rios e riachos... da falta que fazem a todos os seres vivos, à terra e a toda uma região. São eles que trazem das nascentes a água pura e límpida que vai desembocar nos outros rios, lagos e represas dos quais precisamos da água para sobreviver!

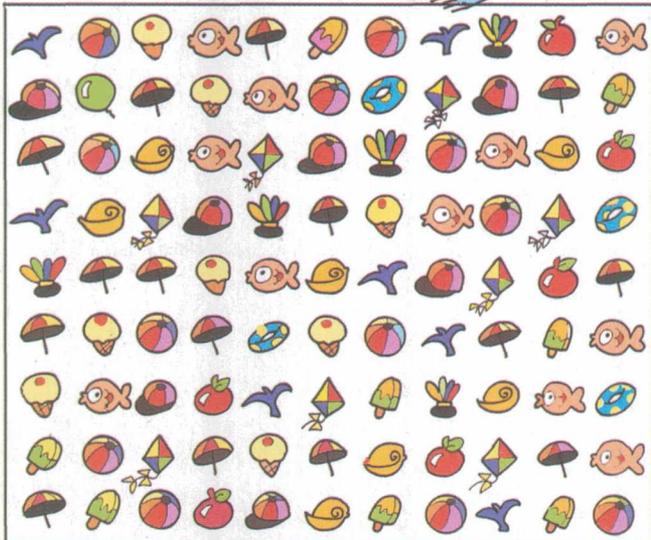
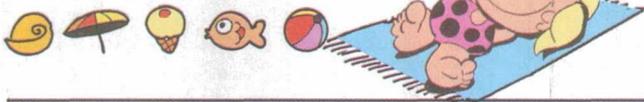
Cada um de nós precisa começar a ajudar a mudar esse pensamento criado, de que córrego é sinônimo de esgoto e riacho, depósito de lixo... façamos, amiguinhos, que todos percebam, que riachos são as pequenas veias que correm no imenso e perfeito equilíbrio da natureza... córregos são pequenas fontes de vida que levam nutrientes às plantas, animais e que ajudam a fazer crescer tantos outros maravilhosos rios caudalosos e livres como todos nós desejamos ser!

A ÁGUA MAIS PURA É ENCONTRADA EMBAIXO DA TERRA, NAS CACHOEIRAS E MONTANHAS, PORQUE ELA SE PURIFICA DESPENCANDO DAS ALTURAS, PASSANDO PELAS ROCHAS E RECEBENDO LUZ DO SOL.



Praia limpa!

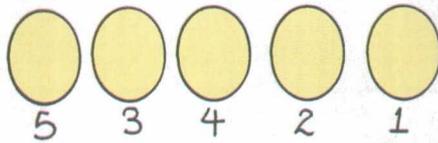
A CASSILDA ESTÁ CURTINDO UMA PRAIA! COM TUDO LIMPINHO E BEM CUIDADO. ENCONTRE ESTA SEQUÊNCIA DE FIGURAS NO QUADRO ABAIXO!



O QUE É O QUE É ?

TEM RAIZ MAS NÃO É PLANTA: É MOLHADO MAS NÃO ESTÁ NA ÁGUA?

COLOQUE A PRIMEIRA LETRA DE CADA FIGURA NOS LUGARES INDICADOS E DESCUBRA!



4



1



2



3



5

MARQUE AS FRUTAS QUE SE COMEM COM A CASCA!

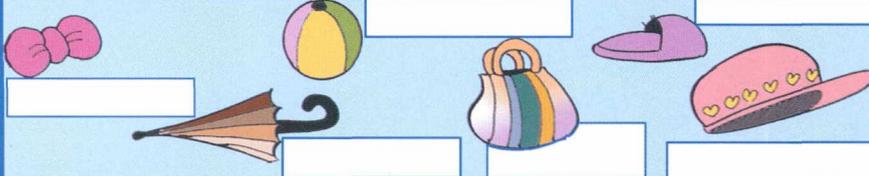



OLHO VIVO!

OBSERVE BEM A TURMA DA CASSILDA E DEPOIS COLOQUE O NOME DE CADA UM NO OBJETO QUE LHE PERTENCE!



Cassilda Nata Dino Zé Cássio



QUE NOME SE DÁ À VEGETAÇÃO QUE CRESCE À BEIRA DOS RIOS?



COMECE AQUI →

ex. R U M B E A S T

8 14 13 12 11 9 8 7 10

17 A C A I P U L N I

1 3 2 7 5 19 20

O R A S P T R → FIM

ESCREVA AQUI: _____

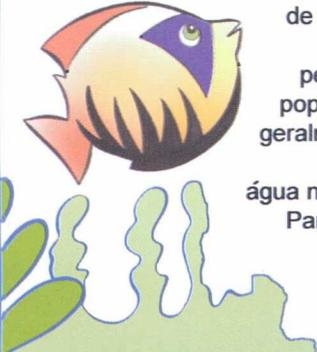
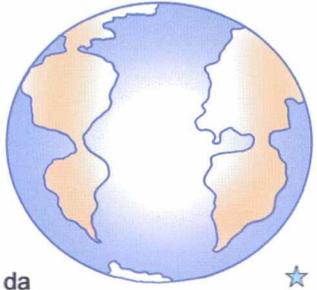
PINTE OS CÍRCULOS PARES PARA DESCOBRIR!

Água da Vida!

Você sabia que o nosso lindo planetinha tem apenas 1/3 de terras e 2/3 de água? Bem que ele podia até ser rebatizado...de planeta água, não é? Mas, infelizmente para nós, seres vivos (animais e plantas também), apenas 6% dessa água toda é doce: são as águas dos rios, lagoas, riachos...isso mesmo! Todo aquele "mundão" de água que sobra é bem salgadinha!

Além, disso, infelizmente também, boa parte desse pequeno 6% ainda é muito desperdiçada e grande parte da população do mundo nem tem acesso a ela: é a população mais carente do planeta, que geralmente mora em locais sem abastecimento.

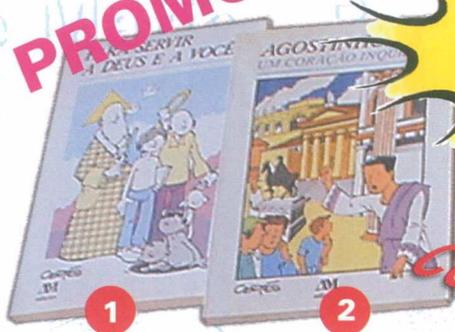
Tudo isso gera inúmeros problemas como proliferação de doenças e fome. Onde a água não chega, não se planta; não se toma banho, não se mata a sede, não se vive. Para tudo o que fazemos, a água é indispensável... uma gotinha pode conter um remédio; um copo pode salvar uma vida; um balde pode evitar uma doença...e assim por diante. Desperdiçar esse tesouro natural é como tirar aos poucos a vida do nosso planeta... E ameaçar o nosso próprio futuro!

IMPRESSO FECHADO - PODE SER ABERTO PELA E.C.T.

**NOVA
PROMOÇÃO**

Grátis!



COLEÇÃO "SANTOS - OS AMIGOS DE JESUS"

**ESCOLHA
UM LIVRO
PARA VOCÊ
E UM PARA
CADA NOVO
ASSINANTE!**

- Renove **SUA ASSINATURA** da revista Ave Maria por mais um ano e consiga **UM NOVO ASSINANTE**. Você ganha 1 livro e o novo assinante ganha outro.
- Junte o valor da **RENOVAÇÃO** de sua assinatura (R\$ 25,00) ao valor da **ASSINATURA NOVA** de um amigo ou parente seu (R\$ 25,00) e deposite o total: **R\$ 50,00** em uma das contas abaixo:
 - 1) Banco Itaú - Agência 0061 — Conta Corrente 51519-3 ou
 - 2) Banco do Brasil - Agência 2445-7 - Conta Corrente 8646-0
- Em nome de: **CMF - Revista Ave Maria.**

Depois envie os cupons abaixo preenchidos juntamente com uma cópia do comprovante de depósito para:

**Revista Ave Maria - R. Martim Francisco, 636 - 1º andar
CEP 01226-000 São Paulo, SP**

• Mais informações: Ligue grátis 0800-555-021

A Para renovar minha assinatura. Meu código de assinante:

Nome completo:

Endereço:

..... Cidade: Est.: CEP:

Tel.: (.....) Assinale com "X" o número de um livro **1 2 3 4 5 6 7**

Assinatura Data:/...../.....

B A nova assinatura da Revista Ave Maria é para:

Nome completo:

Endereço:

..... Cidade: Est.: CEP:

Tel.: (.....) Assinale com "X" o número de um livro **1 2 3 4 5 6 7**

MARIA
AVE
REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
TELS. (11) 3666-2128 / 3823-1060
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

Impresso Especial
5406/2001 DR/SPM
AVE MARIA
CORREIOS